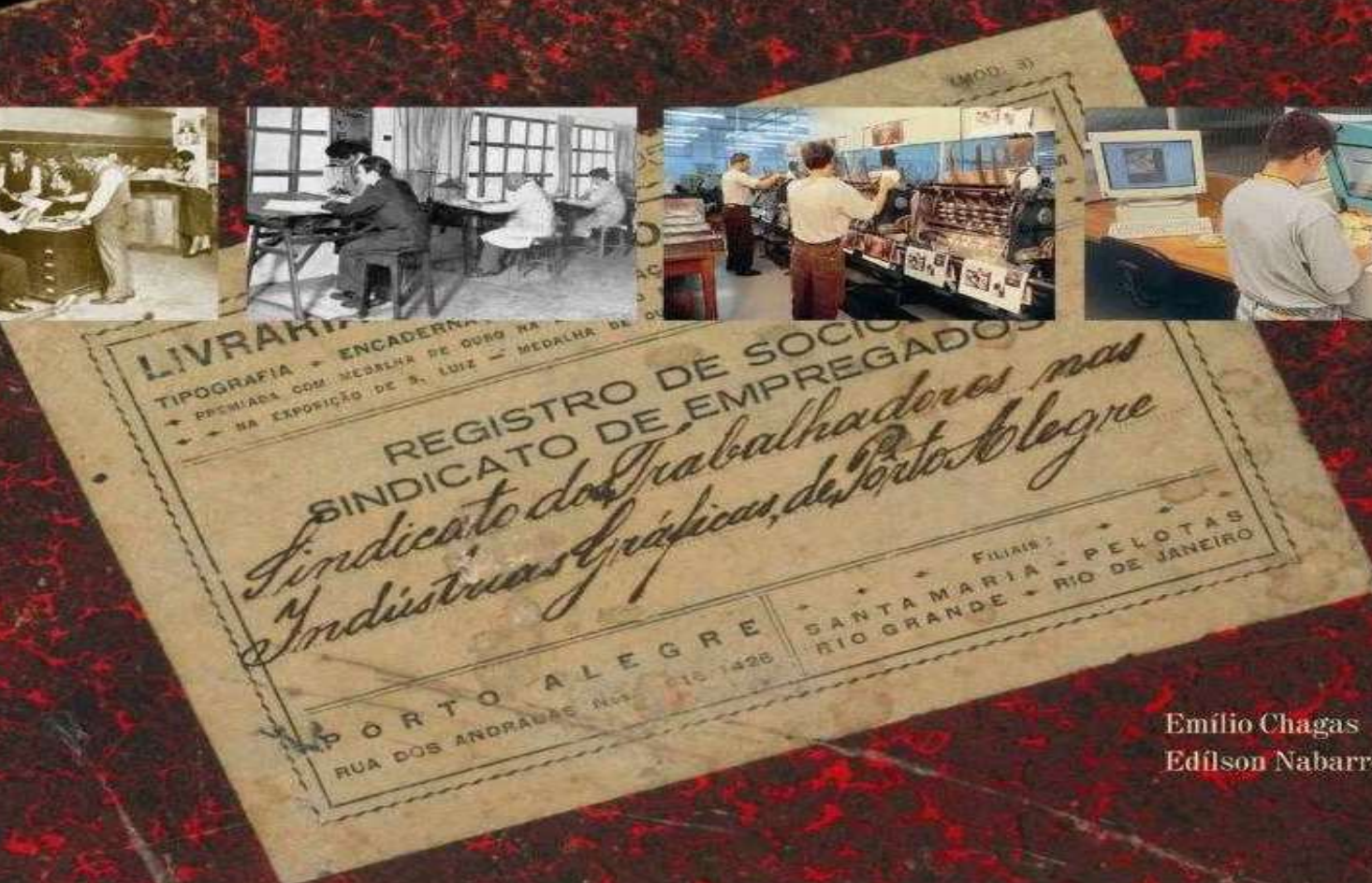


Sindicato dos gráficos de Porto Alegre

73 anos de lutas



Emílio Chagas
Edilson Nabarro

Sindicato dos
gráficos

de Porto Alegre

Relação

dos gráficos que compareceram à
reunião preliminar para tratar
sobre a fundação do
Sindicato Gráfico Porto Alegre
realizada em 13 de Maio de
1928, nos salões da Floresta Moura

1. Tralpinis, José Tilly
2. Luiz Jacobson
3. Cyro José Junior
4. Saldanha Nunes
5. Domingos Amantim
6. Carlos Boyat
7. Octávio Belmontelli
8. Manoel e Ectoria
9. Omar Castro Alves
10. José Torres Rodrigues
11. ~~Princípio~~ ~~Theresa~~
12. Norberto Luis
13. Waldomiro Brandt

Trabalhadores, os construtores da história.

É importante conhecer a história. O seu conhecimento nos permite compreender muitos dos fatores que condicionam a sociedade em que vivemos. Mas a história não é só o relato dos feitos de homens que se destacaram no exercício de cargos públicos, civis ou militares, que se tenham envolvido em fatos amplamente noticiados e documentados. A história é também, e para nós, sobretudo, o resultado da atuação cotidiana dos trabalhadores, que efetivamente constroem a sociedade.

Foi partindo desse entendimento que resolvemos pesquisar e registrar a história dos trabalhadores vinculados ao Sindicato dos Gráficos de Porto Alegre, cientes de que nossa categoria tem dado ao longo dos últimos 70 anos, e talvez mesmo antes disso, uma bela contribuição para a construção de uma sociedade mais justa, humana e fraterna. Mais do que tudo, nos convence da absoluta necessidade desse registro, eis que a luta dos trabalhadores gráficos, de sempre, não pertence apenas a eles, ou a nós, gráficos de hoje. Essa luta e essa vida pertence a toda classe trabalhadora, está aqui contada e tem o objetivo de fazer com que não nos esqueçamos da necessidade de que ela continue. Nós, os trabalhadores gráficos, temos um compromisso com todos que vieram antes de nós, e com todos os que nos sucederão.

Sabemos também que essa é uma história incompleta, que não foi possível resgatar tudo o quanto foi importante na vida de nossa categoria. Mas, como a luta e a vida dos trabalhadores gráficos, essa é também uma obra aberta. Que seja um primeiro registro, para incentivar a vinda a público de mais histórias.

Gestão 1999/2002



Projeto: ***Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Porto Alegre***

Edição/Redação/Texto Final: ***Emílio Chagas***

Pesquisa/Texto: ***Edílson Nabarro (Sociólogo)***

Design Gráfico: ***Cristiane Löff***

Editoração: ***Pró-Forma Design - 3331.6467***

Fotografia: ***Cristiane Löff, Giba Rocha, Arquivo Correio do Povo (Paulo Nunes), Arquivo Pallotti, Acervo Fotográfico do Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa - Álbum 50 anos Livraria do Globo/1883-1933 - Fotos Capítulo Histórias: Trabalhadores Gráficos da Livraria O Globo - Álbum 50 Anos Livraria do Globo/1883-1933***

Obs: a ortografia original das citações recolhidas dos documentos pesquisados foi respeitada conforme o português da época.



Os trabalhadores do mundo inteiro, da antiguidade até os dias atuais, sempre formaram categorias para defender seus direitos e o sindicalismo gráfico representa uma das mais importantes lutas da humanidade. No Brasil, as particularidades da nossa história, fizeram destes homens, verdadeiros heróis das letras, enfrentando repressões em períodos críticos da política do país, deixando lições às gerações posteriores. O movimento operário deve estar orgulhoso de ter em seus anais o trabalho, a grandeza e a resistência destes companheiros que dedicaram suas vidas na defesa dos direitos fundamentais dos trabalhadores. A histórica greve de 1953, que parou o parque gráfico de Porto Alegre por 29 dias, é um exemplo disto. A publicação da história do Sindicato dos Gráficos de Porto Alegre resgata um passado que está vivo, presente em cada trabalhador da atualidade.

As lideranças citadas na publicação, a valorização daqueles que se foram e as histórias pitorescas contadas, ingressam o leitor numa viagem interessante, que enaltece a categoria.

Temos orgulho de dizer que, se hoje representamos o povo do Rio Grande e do Brasil no Congresso Nacional, é por que temos em nossa bagagem as contribuições dos trabalhadores e dos seus sindicatos. A luta pela defesa dos direitos fundamentais dos trabalhadores está no nosso sangue, vibra em cada um de nossos poros. Nesta caminhada sempre contamos com o apoio desta categoria e de seus líderes, passando pelo fortalecimento do movimento sindical. Povo que não tem memória, não tem história. Vida longa a todos os que valorizam a sua história! Vida longa ao Sindicato dos Gráficos de Porto Alegre!

INTRODUÇÃO

23. Henrique Bueno R. Waingarten
24. Antônio Bonifácio
25. Jerônimo José Botelho
26. Gustavo Dupke
27. João Batista
28. João Baptista
29. Luiz Carlos
30. Antônio da Silva
31. Antônio da Silva
32. Antônio da Silva
33. Antônio da Silva
34. Antônio da Silva
35. Antônio da Silva
36. Antônio da Silva
37. Antônio da Silva
38. Antônio da Silva
39. Antônio da Silva
40. Antônio da Silva
41. Antônio da Silva
42. Antônio da Silva
43. Antônio da Silva
44. Antônio da Silva
45. Antônio da Silva
46. Antônio da Silva
47. Antônio da Silva
48. Antônio da Silva
49. Antônio da Silva
50. Antônio da Silva
51. Antônio da Silva
52. Antônio da Silva
53. Antônio da Silva
54. Antônio da Silva
55. Antônio da Silva
56. Antônio da Silva
57. Antônio da Silva
58. Antônio da Silva
59. Antônio da Silva
60. Antônio da Silva
61. Antônio da Silva
62. Antônio da Silva
63. Antônio da Silva
64. Antônio da Silva
65. Antônio da Silva



Esta publicação foi fruto de um fascinante trabalho de investigação jornalística e documental realizado no período setembro/2001-junho/2002. Foram meses de busca de informações, entrevistas e armazenamento de dados. Destaque-se que, para o adequado desenvolvimento do trabalho e do resultado que ora alcançamos, foi de fundamental importância as discussões iniciais, que culminaram no convencimento dos dirigentes sobre a importância do projeto e da publicação. Do amadurecimento da decisão e do entendimento, entre autores e dirigentes, redundou um comprometimento estratégico e um auxílio sistemático, seja em relação às condições operacionais, como na incorporação de idéias e sugestões. A convivência cotidiana com o Sindicato forneceu importantes pistas para a inclusão de capítulos que antes não haviam sido cogitados.

O planejamento de investigação, que contaria com uma difícil busca de documentos em acervos públicos e pessoais, que pudessem guardar registros sobre o período inicial da fundação do Sindicato, foi positivamente surpreendido com a existência de ampla documentação existente no próprio Sindicato, cuja utilização constituiu-se no principal instrumento de pesquisa documental. Consistia este rico acervo de Livro de Atas das Reuniões Ordinárias das Direções, bem como das Assembléias Ordinárias e Extraordinárias da categoria desde a sua fundação. Essas Atas, todas em perfeito estado de conservação, foram redigidas na caligrafia límpida do secretário, onde todos os detalhes eram descritos. Portanto, de 12/05/1929 (Ata de Fundação) até os anos 70, este material foi fundamental para o registro dos fatos. Documentos esparsos, como correspondências recebidas e remetidas, documentos políticos, relatórios de prestação de contas, também foram fontes de inestimável apoio.

Nada mais, significativo, no entanto, foram as informações extraídas do Boletim dos Gráficos. Este órgão oficial da categoria gráfica e que sobrevive até hoje vem sendo editado sistematicamente há mais de 50 anos. Edições a partir de 1947 foram pesquisadas, identificando-se uma coletânea considerável de artigos de qualidade política e jornalística surpreendente. A história do Boletim mereceu um capítulo a parte. Paralelamente à pesquisa documental, foram realizadas visitas às empresas

gráficas, com o objetivo de identificar no contato com o processo de trabalho a metamorfose do que se denominou “do chumbo ao computador”. Realmente a inovação tecnológica e as mudanças nas relações institucionais de trabalho, produziram um conjunto de ocupações próprias do atual ciclo econômico. As entrevistas privilegiaram antigos dirigentes sindicais, que foram protagonistas durante muitos anos da vida sindical, mas que, a par de suas jovialidades políticas, ainda são fruto de uma disponibilidade muito mais rica de informações. Para as informações do período recente, os depoimentos dos atuais dirigentes, alguns protagonistas da atividade sindical desde os anos 70, foram de fundamental importância.

O material sistematizado, constituído de relatórios e entrevistas, teve que ser devidamente sintetizado para poder oferecer uma edição destituída de uma pesada sequência de relatos de época. A concepção do Projeto, se bem que vinculado ao exame do cenário político, histórico e institucional onde os fatos eram produzidos, procurou dar ênfase especial aos aspectos inéditos e específicos na construção do Sindicato dos Gráficos. Muitas das histórias que estão contempladas no livro não se destinam a compor um perfil do comportamento operário do período inicial do surgimento do Sindicato, em 1929, mas sim identificar o processo intrínseco de construção de uma prática de cotidiano sindical, cujas características estão presentes até hoje, evidentemente que, sob diferentes formas.

Se as atividades políticas e os fatos marcantes da categoria gráfica mereceram grande destaque, como por exemplo a Greve de 1953, ou a intervenção de 1948, o trabalho também tratou de ressuscitar importantes lideranças, até então ignoradas pelo próprio meio gráfico. Aliás, este aspecto foi crucial no objetivo de reconstrução da memória da categoria gráfica. Neste intuito emergem lideranças históricas, algumas apropriadas pela própria história do movimento operário do início do século, como Francisco Xavier da Costa e outras, como Moarê Martins, Luiz Bastos, Gabriel Quintana, Wilson Borba Lima, Claro Machado, Assis Brasil Albuquerque e Euclides Bento da Silva, entre outros que tiveram importante papel em momentos significativos da história do Sindicato.

Os autores e a direção do Sindicato esperam, com esta publicação, contribuir para a recuperação de aspectos do passado que, agregados ao protagonismo do presente, identifiquem o valor da categoria gráfica no cenário da classe operária rio-grandense.

SUMÁRIO

Origens de uma história escrita com lutas

1929, o começo

Os anos 30: começa a luta

Lutas nos anos 40, perdas e vitórias

Tempos difíceis, tempos de intervenção

1954. Agitação política com a morte de Vargas

1953. Uma greve que entrou para história

Wilson Lima: o combativo líder de uma era histórica

Intervenção de 64. Mais um golpe no sindicalismo

A Era Euclides, a mais longa de todas

Os anos 90: Modernização Tecnológica e Sindicalismo

Político-Assistencial

O último encontro de Assis Albuquerque

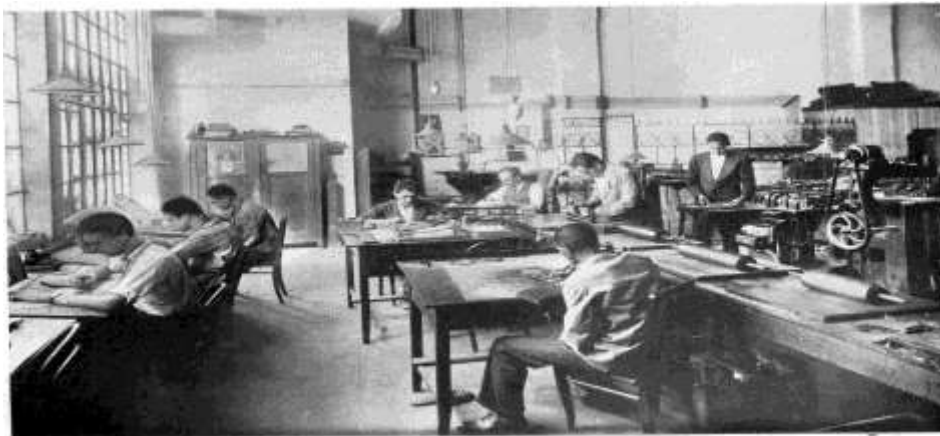
Histórias

Diretorias



A vintage photograph showing two men in a workshop setting. The man in the foreground, wearing a white shirt and a dark vest, is seated and operating a large, complex mechanical typewriter. He is looking down at the keyboard. The man standing behind him, wearing a white shirt and a dark tie, is pointing at a component of the machine, possibly explaining its function or a repair. The background shows a window with multiple panes and various mechanical parts and tools scattered on the workbench, suggesting a repair shop or a manufacturing environment. The overall tone of the image is historical and technical.

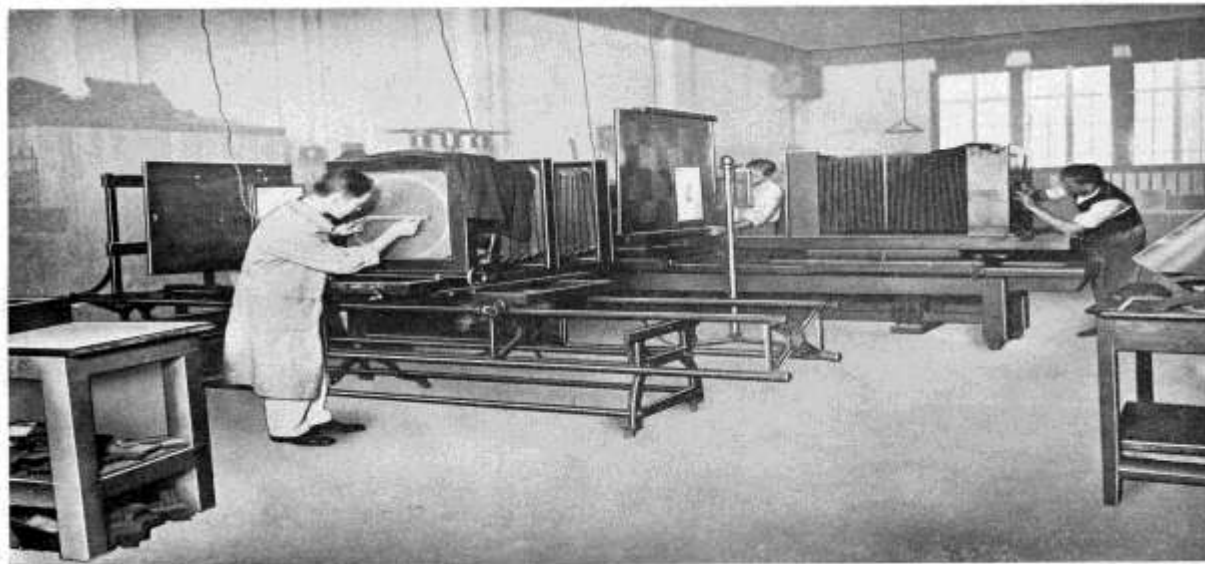
**Origens de uma
história escrita
com lutas.**



*Gráficos: na
vanguarda
das primeiras
lutas
operárias*

Paradoxalmente, o fim do século XIX marca o início de um ciclo de idéias (e ações) que fermentavam desde a publicação, em 1849, do livro “Manifesto Comunista”, de Engels e Marx. Um período em que o conservadorismo vai ser confrontado sistematicamente por uma intensa produção de idéias libertárias. Começa a ser escrita, literalmente, uma nova história. É neste cenário que, pós Guttenberg, ela adquire um papel fundamental na transmissão das idéias. A partir de 1870, o Mutualismo abre a luta operária e surgem os primeiros jornais. É onde aparece também a





Secção de fotogravura, com suas duas possuídas máquinas de reprodução fotográfica

*Trabalhadores
da fotogravura*

figura do gráfico (chamado, então, de tipógrafo), potencializada como agente político. É o gráfico que tem contato com os livros, os panfletos, a propaganda política, os materiais gráficos que fazem circular, difundir e propagar as idéias. Machado de Assis e Lima Barreto, por exemplo, foram gráficos.

Em 1896 é fundada a Sociedade Tipográfica Rio-Grandense por dois dirigentes operários socialistas, que tiveram um papel fundamental na organização da luta política no início do século XX: José Rey Gil e José Ferla. Segundo João Batista Marçal, em “Primeiras Lutas Operárias no Rio Grande do Sul”, a entidade foi decisiva para realização do 1º. Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado nos dias 1º. e 2 de janeiro de 1898. No mesmo ano em que foi fundada a Sociedade Tipográfica, surge também a Cooperativa Tipográfica de Porto Alegre. Mais tarde é criado o “Grêmio de Artes Gráficas e Correlatas”, tendo à frente Francisco Xavier da Costa, gráfico e dirigente socialista de intensa participação política nesse período, que posteriormente viria a ser o primeiro gráfico a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores. Xavier era um negro educado por uma família alemã, de formação política social-democrata, e é considerado o introdutor do pensamento marxista no Rio Grande do Sul. Foi litógrafo, uma técnica de

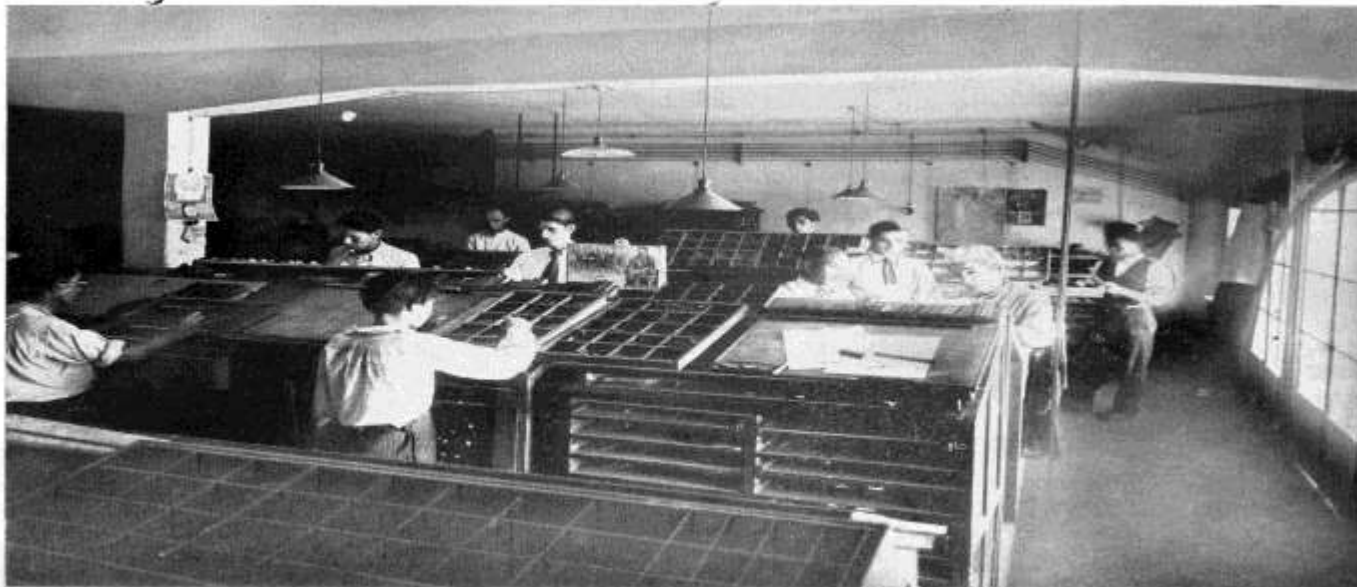
Primeiras técnicas, primeiros passos



impressão em pedra. Hoje é nome de rua em Porto Alegre.

Segundo Marçal, cisões políticas fazem surgir, ainda em 1906, o “Sindicato dos Gráficos”, (mais tarde a entidade passaria a se denominar “Sindicato Tipográfico”) tendo à frente Manoel Campos, Polidoro Santos, José Rey Gil e Paulino Diamico, anarquistas que combatiam “o imobilismo social-democrata do Grêmio”. Polidoro Santos era chefe dos gráficos da Livraria Globo e exercia grande liderança entre os companheiros de trabalho. Reza a lenda que era capaz de parar a categoria com os seus famosos bilhetinhos com tarja negra.

Em 1909 e 1910 surgem mais duas entidades ligadas à categoria: o Grupo Solidário, que reunia gráficos anarquistas e a União Tipográfica fundada, possivelmente, por Henrique Martins, anarquista e considerado um dos



*Trabalho manual,
a base de tudo*



grandes líderes dos gráficos na época. Nos anos 20, ainda sob o impacto da Primeira Grande Guerra e da Revolução Russa de 1917, o Estado vive intensa agitação política. Tem-se registro de um certo “Sindicato Gráfico Comunista” e em 1928, da “Associação Gráfica Porto-Alegrense”. Um ano depois, em 12 de abril de 1929, o Comitê Pró-Organização dos Gráficos funda a “União dos Trabalhadores Gráficos”, a U.T.G., que marca oficialmente a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Porto Alegre, denominação que passou a existir, porém, só a partir de 1933. Assim foi constituída a primeira Diretoria da U.T.G.:

Presidente: Álvaro Alves Silveira

Vice-Presidente: Joaquim Pinto

1º. Secretário: Dario Petrônio Silvestre Defreitas

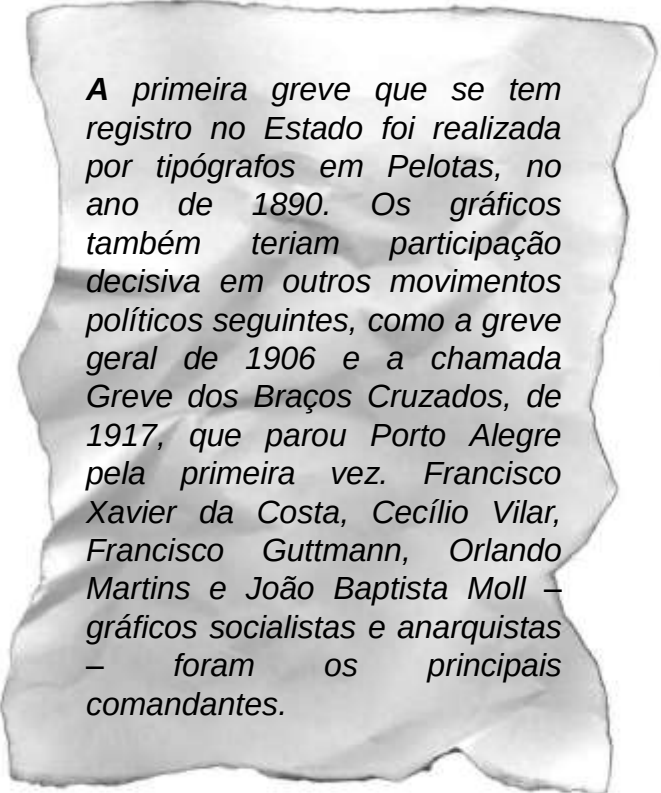
2º. Secretário: Antônio Azevedo

1º. Tesoureiro: Victor Fernandes de Moraes

2º. Tesoureiro: João Batista Carminati

Bibliotecário-Arquivista: Sylvio Silveira

Comissão de Contas: Oswaldo Mello, Luiz Rosenheim e
Carlos Pietro



A primeira greve que se tem registro no Estado foi realizada por tipógrafos em Pelotas, no ano de 1890. Os gráficos também teriam participação decisiva em outros movimentos políticos seguintes, como a greve geral de 1906 e a chamada Greve dos Braços Cruzados, de 1917, que parou Porto Alegre pela primeira vez. Francisco Xavier da Costa, Cecílio Vilar, Francisco Guttmann, Orlando Martins e João Baptista Moll – gráficos socialistas e anarquistas – foram os principais comandantes.

Estava dado o primeiro passo de uma trajetória de lutas e conquistas, não só na defesa dos interesses dos gráficos, mas também pela melhoria nas condições de trabalho e dignidade do conjunto dos trabalhadores.



1929, o começo.

O crack-up da Bolsa, em 1929, nos Estados Unidos, mostrou ao mundo que a mais poderosa economia era também vulnerável, sendo obrigada a conviver com a recessão e o desemprego dali para a frente. O que significava que os trabalhadores precisavam se organizar, na defesa dos seus interesses e sua categoria. Aqui em Porto Alegre, uma reunião no dia 12 de maio contaria com a presença de 32 trabalhadores gráficos, constituindo-se no ato formal de fundação do Sindicato, ainda sob o nome de U.T.G. – União dos Trabalhadores Gráficos, denominação esta que seria abandonada em 1934.



Em todo o Estado os gráficos se organizaram



Além da escolha da primeira Diretoria, também foi aprovado o Estatuto. A assembléia foi realizada na Confederação Regional dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul, sendo organizada pelo Comitê Pró-Organização dos Gráficos. Este comitê, criado em 12 de abril de 1929, vinha se reunindo sistematicamente, tendo como tarefa a redação do futuro Estatuto. A Diretoria eleita era constituída, basicamente, pelos membros do Comitê, uma consequência natural, já que eram os principais interessados.

Negociações salariais praticamente dominaram o primeiro ano de gestão da Diretoria pioneira. E esta seria uma marca que acompanharia o Sindicato ao longo dos anos. A principal luta daquele primeiro ano envolvia a defesa dos direitos dos trabalhadores da Livraria do Globo, uma das mais fortes do mercado. Já mostrando a representatividade que o Sindicato teria a partir dali, o Conselho Geral de Representantes passou a funcionar junto a U.T.G. Tratava-se de um órgão de representação política, composto por trabalhadores das oficinas das Indústrias Gráficas, eleitos por seus companheiros.

As reuniões eram realizadas na Rua

Floresta Aurora, o histórico clube social da comunidade negra, abriga as primeiras reuniões pró-fundação do Sindicato dos Gráficos. A Assembléia de fundação dura dois dias.

José do Patrocínio, nº. 46, onde funcionava a Confederação Geral do Trabalho. Com o fechamento da CGT, a U.T.G., foi obrigada a paralisar suas atividades por três meses. O problema de falta de sede própria afetou por muito tempo o funcionamento do Sindicato, provocando freqüentes mudanças, principalmente de locais de reuniões. Por falar em mudanças, em outubro, o 1º. secretário, Dario Defreitas, solicitou demissão, sendo substituído por João Carminatti, sem maiores crises políticas.

*Trabalhadores na
seção de transportes
litográficos*



“Importantíssimo é o papel que cabe à imprensa dentro do regime democrático. Encher a boca com a liberdade ou direitos humanos e com as mãos impedir a voz da Imprensa são atitudes próprias de quem ama a ditadura, admira, unicamente, o poder da força, despreza a inviolabilidade da pessoa humana.” **Eloy Dias dos Angelos - Janeiro, 1955**



Acta n. 1

Comitê Pro Reorganização dos Gráficos

diário de vez de Abril de 1929 - variedade de
Estado do Rio Grande do Sul, às 9.00 horas da
Confederação Regional do Trabalho do Rio
grande, se reuniu grupo de trabalhadores gráficos
com os seguintes nomes: Manoel Pinto, Victor Fernandes de
Almeida, João Baptista Casanova, Carlos
Mello, Antonio Agostini e Paulo Sotomaior.
Após de troca de opiniões, e se expor
a asserções para a defesa moral
bem como, por meio de organização
de benefício que lhe dizem respeito,
ficou a todos os elementos gra-
fistas a unidade ou credo político e pla-

Paulo, expôs a situação
em Porto Alegre
local a para
instituir
quedas

de 26/10/41 a 10/11/50
Livro de atas das
Sessões de

Asser

UTC
VRO DE PRESEÇA
25/10/41



Os anos 30: começa a luta.

Mais uma vez a Sociedade Floresta Aurora foi o local onde os gráficos, no início dos anos 30, escolheram a sua segunda Diretoria. Após ser rejeitada uma proposta de voto por procuração, a eleição transcorreu normalmente. A Ata da Assembléia não registra o número dos presentes. E da Diretoria anterior, dois permaneceram: Álvaro Silveira e Joaquim Pinto, anunciando uma característica que passou a ser histórica na vida do Sindicato: a continuidade de membros de diretorias anteriores nas seguintes, às vezes por décadas. A nova Diretoria, porém, tinha pouca assiduidade em reuniões ordinárias. Uma Assembléia Geral deliberou, então, a substituição daqueles que mais faltavam. Provisoriamente foram eleitos: Victor Moraes (da primeira Diretoria) e Claro Conceição Machado. Álvaro Silveira, o primeiro Presidente, estava na condição de 1o. tesoureiro nessa gestão e também foi substituído, tendo sido designada uma comissão para buscar os documentos em sua residência.

Foi durante esta gestão que entrou em debate o Projeto do Governo Federal sobre a Lei de Férias. Em fevereiro de 1931, em reunião com a presença de representantes do Ministério do Trabalho, foi aprovado documento redigido por Xavier da Costa para ser enviado ao Ministério. Eram as propostas oficiais da classe sobre a matéria. E são consideradas as primeiras conquistas sociais que se iniciavam, a partir da luta dos trabalhadores. Ainda no início de 1931, as reuniões da Diretoria passaram a ser realizadas na Rua Duque de Caxias, 565. Posteriormente, quase no fim do ano, outro momento histórico: a sessão solene para inauguração da sede da UTG, na rua Fernando Machado, 899.

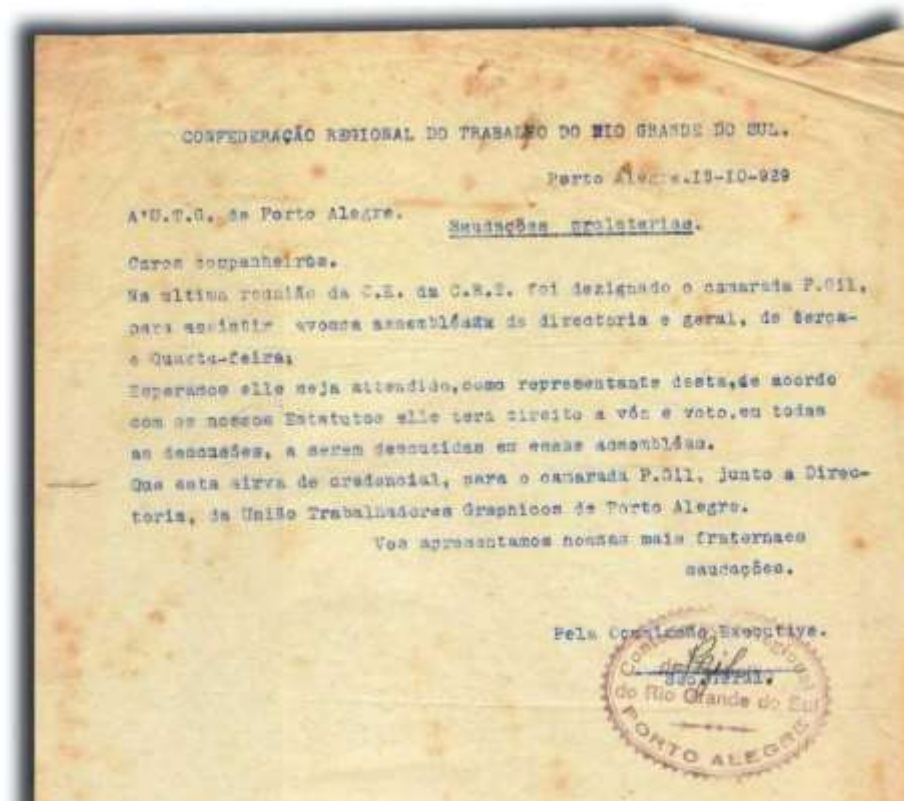
A próxima Diretoria, ou seja, a terceira, fugia um pouco à regra, apresentando poucos membros da gestão anterior. Uma semana após ter sido empossado, o 1º. secretário Orlando Martins solicitou sua demissão, sendo substituído por Pedro Cabral. Este ficou igualmente por pouco tempo: foi demitido e em seu lugar assumiu Claro

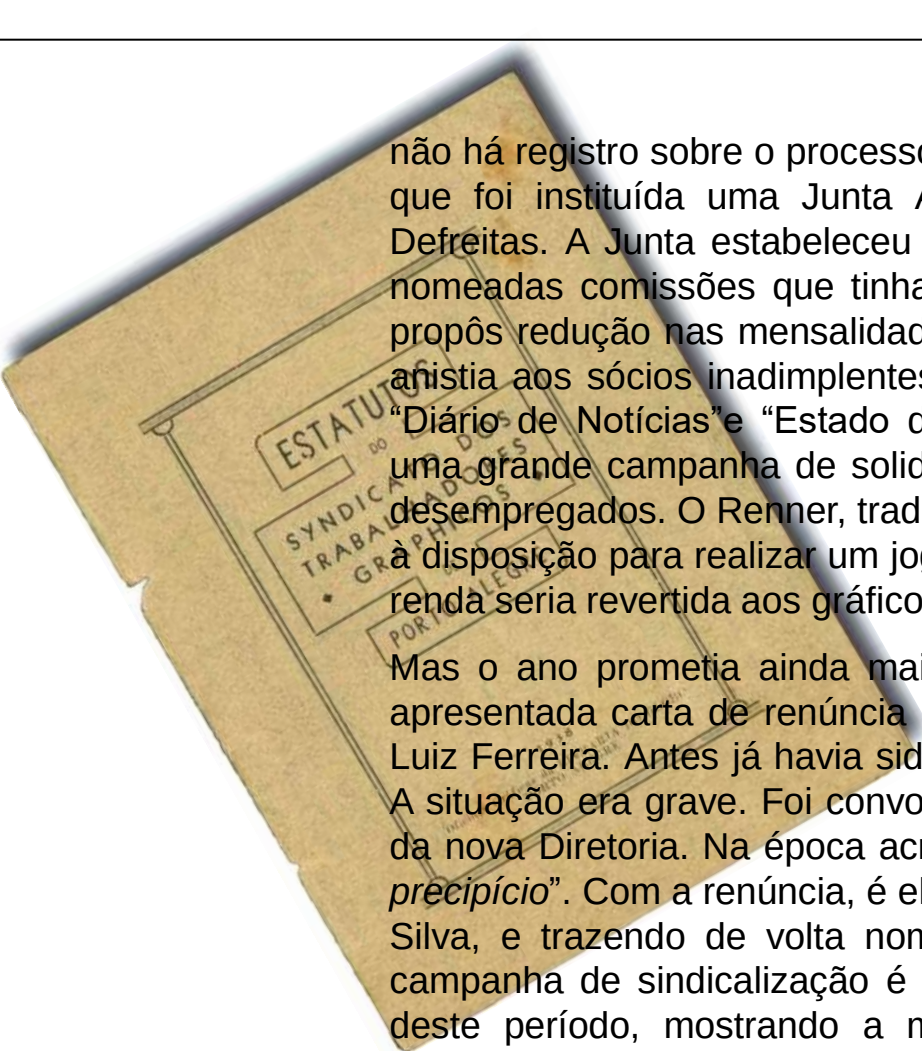
Conceição Machado, que foi eleito para a Comissão de Contas. Uma Sessão Extraordinária deliberou a destituição de Sylvio Silveira, o presidente. A justificativa: ele havia se mudado de cidade, sem comunicar o Sindicato. Como consequência houveram também outras substituições. Luiz Ferreira foi aclamado o novo presidente. Ele desempenhava o cargo de orador da UTG.

A U.T.G rumo ao precipício?

No início dos anos 30, o país seria sacudido politicamente pelas revoluções de 30 e 32. Rebelando-se contra as oligarquias paulista e mineira que, com a chamada política “café com leite”, vinham dominando a cena brasileira desde o início do século, Getúlio Vargas inaugura um novo período na vida política do país. Os gráficos estão inquietos e a U.T.G. passa por momentos de turbulência. A Ata nº. 48, de 14 de julho de 1932, por exemplo, refere-se à definição de cargos da Diretoria da Junta Administrativa. Supõe-se que a Diretoria anterior tenha sido dissolvida, uma vez que

*Uma história
documentada*





não há registro sobre o processo eleitoral do período da vigência anterior. O fato é que foi instituída uma Junta Administrativa, tendo à frente o fundador Dario Defreitas. A Junta estabeleceu uma política voltada para os sócios. Logo foram nomeadas comissões que tinham a função de buscar mais sócios. Além disso, propôs redução nas mensalidades, tendo em vista os baixos salários da época e anistia aos sócios inadimplentes. Para agravar ainda mais a situação, os jornais “Diário de Notícias” e “Estado do Rio Grande” foram fechados, o que provocou uma grande campanha de solidariedade da U.T.G em relação aos trabalhadores desempregados. O Renner, tradicional clube esportivo de Porto Alegre, colocou-se à disposição para realizar um jogo beneficente com outro “co-irmão” da capital. A renda seria revertida aos gráficos.

Mas o ano prometia ainda mais: em reunião da Diretoria no início de 1933, é apresentada carta de renúncia do Presidente Dario Defreitas e do 1o. secretário Luiz Ferreira. Antes já havia sido demitido o Vice-Presidente Cincinato de Souza. A situação era grave. Foi convocada, então, uma Assembléia Geral para escolha da nova Diretoria. Na época acreditava-se que a U.T.G estava “*descambando no precipício*”. Com a renúncia, é eleita, então, nova diretoria, tendo à frente Gervásio Silva, e trazendo de volta nomes como Cincinato Souza e Dario Defreitas. A campanha de sindicalização é intensificada, o que vem a se tornar uma marca deste período, mostrando a mobilização dos trabalhadores, já agitados pela política nacional. Porém, mais uma vez vai ocorrer a demissão do presidente. É no conturbado ano de 1934 que desaparece a U.T.G., surgindo o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Porto Alegre, denominação válida até hoje. Dois anos mais tarde, ocorre a fusão do Sindicato Gráfico de Porto Alegre com o Sindicato Gráfico Porto-Alegrense. Outro fato importante do período: inicia-se o movimento para obtenção da carta de sindicalização junto ao Ministério do Trabalho.



Mais um presidente pede demissão

No início de 1936, começam as discussões para fusão do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Porto Alegre e do Sindicato Gráfico Porto-Alegrense. Este último constituía-se de antigos dirigentes do Sindicato dos Gráficos. O acordo de fusão foi homologado, prevalecendo o nome de Sindicato dos Trabalhadores Gráficos. A presidência continuou sendo exercida por Môare Martins. A grande luta travada neste período é a obtenção da carta de sindicalização junto ao Ministério do Trabalho. O Sindicato encontrou, porém, problemas para a obtenção da Carta. O deputado classista Monteiro de Barros, encarregado de cuidar dos interesses do Sindicato não cumpriu a tarefa. E passou a ser acusado de ter desviado os recursos financeiros destinados ao processo, no Rio de Janeiro. O Presidente Môare Martins solicita sua demissão do cargo, assumindo, presumivelmente, Adalgiso Py, que era 1o. tesoureiro. É ele quem assina nesta condição o Estatuto do Sindicato em 30 de dezembro de 1936. A inexistência de registros da ocorrência de eleição, a cumulatividade de cargos e as circunstâncias da demissão de Môare, talvez assinale um cenário de crise, onde vigorava uma forte repressão política por parte do governo Flores da Cunha. A obtenção da carta de sindicalização ocorreu em 3 de março de 1938.

O Presidente é assassinado?

Durante o Estado Novo, entre os anos de 1934/37, a repressão política era muito forte, limitando e inibindo as ações sindicais. Perseguições e assassinatos eram freqüentes. Mesmo assim o Sindicato continuou suas atividades, fazendo suas reuniões de diretoria nas casas de seus integrantes. É verdade que não havia ainda uma sede, mas o fato também pode sinalizar problemas de liberdade de organização sindical. Na Ata da Assembléia Geral de 10 de março de 1938, há referência ao falecimento de Môare Martins, presidente na gestão 1935/36 e do afastamento da cidade do dirigente Cleto Seffrin, que era 1o. secretário. O jornalista J.B. Marçal acredita que Môare



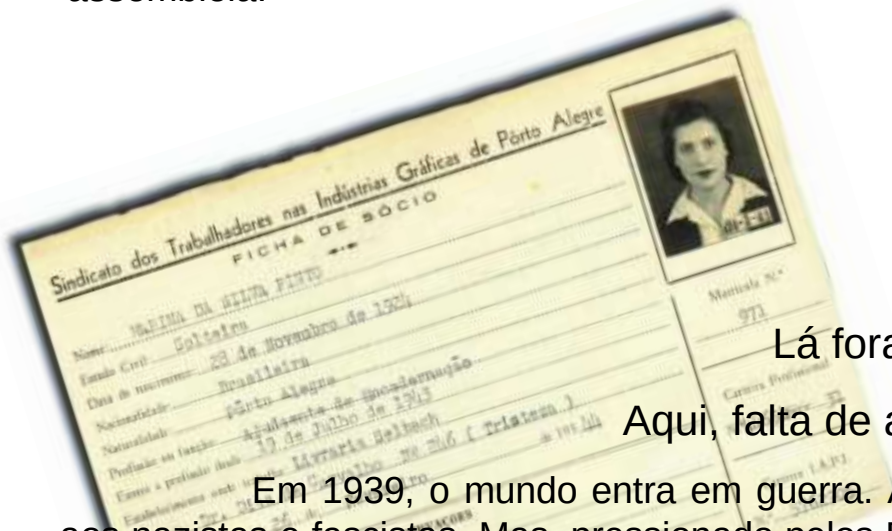
Martins foi preso e morreu envenenado na prisão. A morte do presidente e o afastamento do 1o. secretário, indica que ambos estavam sendo perseguidos pelo governo. A morte de Môare, aceitando a versão do jornalista, revestiu-se do mais absoluto silêncio por parte do Sindicato (pelo menos nas fontes pesquisadas), havendo dificuldades de precisar a data certa entre o intervalo de seu pedido de demissão em fevereiro de 1936 e da referida Assembléia, em maio de 1938. O salário mínimo estava no centro dos debates neste período. O Sindicato criou uma comissão para tratar do assunto, formada por Francisco Leal, Marciano Belchior Filho e Gervásio Silva, todos experientes sindicalistas. Apesar da tradição de luta política e resistência, a Diretoria da gestão de 1938 inaugurou um quadro com a foto de Getúlio Vargas, com a presença do Interventor Federal no Estado, Capitão Acácio de Oliveira. Sem dúvida, um ato emblemático da subordinação do Sindicato às novas regras das relações políticas-institucionais.

O Presidente denuncia: o Sindicato está se transformando numa sub-sucursal de polícia.

Torna-se importante o registro da sessão ordinária da diretoria de 07/01/39, documentada na Ata nº. 20, quando foi lido telegrama da Inspetoria Regional do Trabalho, que recomendava aos sindicatos o envio de suas reivindicações diretamente ao Ministério ou às Inspetorias Regionais, evitando a presença de “intermediários”. Esta recomendação, não por coincidência, aconteceu no momento em que o Sindicato estava discutindo a conveniência ou não de adesão à “União Sindical”. O argumento da Inspetoria baseava-se no fato de que uma das características do Estado Novo era “o contato direto” do Governo com o povo. O que não correspondia na prática diária, onde era exercida rigorosa fiscalização por parte do governo sobre as atividades sindicais. Nesta mesma reunião, o secretário dos trabalhos leu um memorando do Delegado da Ordem Política e Social, que concedia a licença para a realização daquela reunião. Em encontro anterior o ex-presidente Gervásio Silva denunciou que estavam transformando o Sindicato numa “sub-sucursal” da Polícia. E solicitou a sua demissão da Comissão Executiva que estava



sendo proposta. Eram tempos de muita inquietação e insegurança para aqueles que faziam dos sindicatos trincheiras de luta. Assim, a segunda metade dos anos 30, caracteriza-se pelas restrições da ditadura Vargas às atividades sindicais. E pela primeira vez, há registro de manifestação de uma mulher em assembléia.



Lá fora, a guerra.

Aqui, falta de autonomia sindical.

Em 1939, o mundo entra em guerra. A ditadura Vargas, de cunho integralista, era simpática aos nazistas e fascistas. Mas, pressionado pelos Estados Unidos, Vargas acabou levando o Brasil a lutar ao lado dos aliados. Isso traria, mais tarde, profundas alterações na política brasileira, inclusive a queda da ditadura no fim da guerra, em 1945. Os anos 30 encerram com uma diretoria constituída, basicamente, de membros da direção anterior, com remanejamento de cargos. O monitoramento do Governo sobre as atividades sindicais ainda era constante. Na reunião ordinária de 19/02/39, a Comissão Executiva (como se passou a ser chamada a Diretoria) homologou o acordo sugerido (ou imposto) pela Inspeção Regional, o qual recompunha a própria Comissão, dando legitimidade aos atos que viesse a adotar. A falta de autonomia sindical era tão flagrante que esta reunião foi presidida por um assessor técnico do Inspetor Regional como se o Sindicato, historicamente, não tivessem homens preparados política e intelectualmente para dirigirem suas reuniões. Em junho de 1939 surge o Departamento Desportivo, com o Diretor também acumulando o cargo de tesoureiro. É um fato novo na natureza política do Sindicato, pois não há



O Boletim:
registrando a
presença
feminina no
Sindicato

registro anterior de que as atividades esportivas fossem destacadas. Hoje, podemos interpretar o fato como uma tentativa de criar mecanismos para pulverizar a capacidade de agitação política dos sindicatos. Terminaram o mandato apenas o Presidente e seu Vice, o que atesta tanto o esvaziamento de representatividade das direções impostas ou negociadas, como o não-alinhamento dos descontentes com estas práticas.

*Não só de lutas é
escrita a história do
Sindicato: vida social
também*



“Confesso mesmo que já não creio na possibilidade da libertação da classe operária. Considero êsse grande bem incompatível com o personalismo, o egoísmo, enfim, com a completa ausência de espírito coletivo de seus membros. O período de intervenção no sindicato gráfico, é um exemplo eloquente do que afirmo.” **Claro Machado - abril, 1955**



Lutas nos anos 40, perdas e vitórias

O início dos anos 40 assinala poucas diferenças na estrutura do Sindicato. Uma delas, porém, é significativa: deixam de existir as Assembléias Gerais para escolher os dirigentes. A partir de então eles passaram a ser escolhidos em reuniões ordinárias da Comissão Executiva. Desta forma, o Presidente Raul Roth foi eleito com apenas 3 votos. Os outros integrantes da Comissão passavam a ser designados pelo presidente da Comissão Executiva. Outro fato importante neste período foi a readequação do Plano de Quadro das Atividades e Profissões, conforme o Decreto-Lei 238 de julho de 1940. Com isto o Sindicato passava a ser órgão representativo também dos oficiais gráficos de Porto Alegre. Em fins de 1941 demite-se Raul Roth, então presidente da Comissão Executiva. É composta, então, uma nova Comissão, tendo como Presidente Antonio Pereira de Azevedo. Ainda em 1941, uma grande movimentação marca a definição do delegado-eleitor do Sindicato nas eleições para a escolha dos representantes dos empregados no Conselho Fiscal do então todo poderoso IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Com a presença de 248 associados foi eleito, no Rio de Janeiro, o dirigente Braz dos Santos Madeira, que já havia sido presi-



Sindicato dos Trabalhadores nas Industrias Graficas de P. Alegre

para Sindica
Art. 16

NUMERO DE ORDEN	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NACIONALIDADE	NATURALIDADE	Ocupação
1	Victor Fernandes de Moraes	44 anos	Casado	Brasileiro	Porto Alegre	Tipografo
2	Antonio Vieira de Aguiar	43 "	"	"	Montenegro	Montepista
3	Agostinho dos Santos	39 "	"	"	Negrete	Tipografo
4	Cincinato de Souza Canô	38 "	"	"	Bacê	"
5	Filipe Cheppi	37 "	"	"	Uruguiana	Tipografia
6	Baris Romulo Rasmann	38 "	"	"	Porto Alegre	"
7	Osvaldo Luiz de Melo	43 "	"	"	"	"
8	João Golbato	49 "	"	"	"	"
9	Florianô Garay	36 "	"	"	"	"
10	Florianô Garay	33 "	"	"	"	"
11	Valeriano de Aguiar	52 "	"	"	"	"
12	Valeriano de Aguiar	34 "	"	"	"	"
13	Valeriano de Aguiar	36 "	"	"	"	"
14	Valeriano de Aguiar	38 "	"	"	"	"
15	Valeriano de Aguiar	31 "	"	"	"	"
16	Valeriano de Aguiar	29 "	"	"	"	"
17	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
18	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
19	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
20	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
21	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
22	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
23	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
24	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
25	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
26	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
27	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
28	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
29	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
30	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
31	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
32	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
33	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
34	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
35	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
36	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
37	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
38	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
39	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
40	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
41	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
42	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
43	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
44	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
45	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
46	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
47	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
48	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
49	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
50	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
51	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
52	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
53	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
54	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
55	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
56	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
57	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
58	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
59	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
60	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
61	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
62	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
63	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
64	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
65	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
66	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
67	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
68	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
69	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
70	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
71	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
72	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
73	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
74	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
75	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
76	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
77	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
78	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
79	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
80	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
81	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
82	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
83	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
84	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
85	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
86	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
87	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
88	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
89	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
90	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
91	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
92	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
93	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
94	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
95	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
96	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
97	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
98	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
99	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"
100	Valeriano de Aguiar		"	"	"	"

dente e tesoureiro do Sindicato em gestões passadas. Durante a sua campanha, Raul Roth lançou um manifesto denunciando irregularidades financeiras que teriam sido cometidas pelo novo delegado eleitor, quando este ocupava o cargo de tesoureiro na gestão do ex- presidente. As acusações, no entanto, não impediram a vitória de Braz Madeira para delegado-eleitor. Outros aspectos curiosos do início desta década: em 1941 o Sindicato participa de uma passeata cívica na chegada de Getúlio Vargas à cidade e o presidente Paulo Brum, eleito na gestão 1942-43 morre antes de tomar posse.

Observa-se, neste período, que as Diretorias (ou Juntas Governativas) eram formadas apenas pelos cargos principais, verificando-se o abandono das práticas anteriores, quando havia o preenchimento de todos os cargos. Também observa-se que certas diretorias tiveram um exercício maior. Outras evidências atestam o completo atrelamento da atividade sindical aos órgãos oficiais de controle político e administrativo, inclusive com a presença de agentes nas reuniões. Por exemplo, a Assembléia que elegeu a gestão 1944-46, que na verdade terminou em 1947, foi presidida pelo representante da Delegacia de Ordem Política e Social, DOPS. Outro dado importante deste período, foi a suspensão da circulação do Boletim dos Gráficos, já que no início dos anos 30 havia referência de sua existência. No Estado Novo, vigorava forte censura em relação a qualquer tipo de publicação. O Ministério da Justiça tinha um setor especial, que cuidava dos processos de concessão de licença para até mesmo as obras literárias, às quais eram submetidas à censura prévia. As assembleias do Sindicato neste período não eram apenas normatizadas pela Delegacia Regional: muitas vezes o próprio Delegado presidia as Assembleias. Já sob a vigência da CLT (1943), a luta classista gira em torno das discussões sobre o dissídio coletivo para aumento dos salários, instrumento que passaria a integrar permanentemente as relações entre patrões e empregados. O primeiro embate sob estas novas regras, ocorreu em 1945. Rejeitada pelos patrões a proposta do Sindicato, uma nova Assembléia aprovou os termos para instalação do dissídio coletivo da categoria. Julgado somente em maio de 1946, o Sindicato obteve vitória em boa parte de suas reivindicações. A nova tabela salarial trazia um aumento entre 5 e 60%, protegia os salários mais baixos e tinha vigência retroativa à janeiro de 1946.

Estes primeiros embates ilustram o peso que as lutas salariais passariam a ter na vida sindical e na própria natureza dos sindicatos de trabalhadores da iniciativa privada. A forte mobilização da categoria ia além da mera luta sindical, porém. É visível, durante um período iniciado nos anos 40 e que vai, seguramente, até fins de 1960, um envolvimento muito grande do movimento sindicalista com a vida política brasileira de maneira geral. Por exemplo, o



O bravo
(e irônico)
Boletim

próprio Sindicato dos Gráficos tinha uma luta dirigida para as questões nacionais. Está estampado no nº. 5 de O Boletim dos Gráficos, de fevereiro de 1948: “O alto custo de vida e nível dos salários”, uma matéria de capa, onde é tecida uma análise sobre “uma nova onda de encarecimento dos gêneros de primeira necessidade” que estava assolando o Estado. E, claro, estabelecia um paralelo com a perda do poder aquisitivo, diante dos baixos salários da categoria. Uma das campanhas, lançada pelo jornal do Sindicato, foi uma enquete sobre a padronização dos salários, em decorrência - principalmente - das disparidades entre os mesmos nas gráfica de Porto Alegre. Está registrada na edição de 20 de junho de 1949: “Boletim Gráfico, vanguardeiro que se honra de ser, da classe gráfica, desfralda nesse momento a bandeira, que por certo empolgará a quantos como nós pertencem a essa briosa classe. Padronização dos Salários”. E a seguir listava toda a relação de profissionais e seus respectivos salários propostos, para jornais e “casas de obras”, incluindo linotipia, tipografia, impressão, litografia e encadernação. Na mesma edição, o jornal também publicava uma enquete em forma de cupom para consultar a categoria sobre a proposta.

“Os mártires de Chicago
tomaram lutando pela jornada
de oito horas e com o seu
sangue se acendeu a chama
que ilumina a estrada do
caminhante proletário.”
Gabriel Quintana- 1955



Tempos difíceis, tempos de intervenção.

Fatos curiosos são registrados a partir de agosto de 1947. Primeiro, as Atas das Assembléias passam a ser assinadas pelo Presidente Osmar Legg e não mais pelo então Presidente Osmar Passos. Não há nenhum registro sobre o processo eleitoral e a composição completa da Diretoria: era o prenúncio de que a conjuntura estava a desenhar a intervenção, que viria mais tarde. A luta política e sindical do período é caracterizada por uma acirrada campanha para aumento dos salários com permanente pressão sobre as indústrias gráficas. Depois do surgimento da CLT, passou a ser prática do Sindicato a constituição de “Comissões de Tabelas”. Era um grupo técnico que tinha a atribuição de formular as propostas para os dissídios, apresentando os índices de aumento requeridos. Com freqüência, as propostas patronais eram rejeitadas nas negociações e era instalado o dissídio coletivo, cujos julgamentos em diversas ocasiões atenderam boa



parte das reivindicações dos trabalhadores. A gestão de Osmar Legg terminou em agosto de 1948, quando o Sindicato sofreu a intervenção. Ela pode ser interpretada como uma resposta ao crescente movimento de organização e pressão sindical na luta por direitos e benefícios. Ou seja, a livre organização sindical não seria tolerada. O Boletim dos Gráficos levanta sua voz contra aquilo que classificou de *“ato odioso e revoltante”* registrando que *“a chibata do desmando e da prepotência, manejada com ódio calculado pelo Delegado Regional do Trabalho, vibrou mais um golpe à face do operariado do Rio Grande do Sul, interferindo ilegalmente na vida interna do Sindicato dos Gráficos”*.

A intervenção teve início quando o Delegado Regional do Trabalho, João Dêntice, obrigou Osmar Legg a redigir carta de demissão da Presidência do Sindicato. No ofício, Legg registra que o pedido de demissão foi *“para cumprir determinações verbais dessa Delegacia”*, caracterizando, pois a pressão a que estava submetido. Informava ainda que: *“voluntariamente deixei o emprego que tinha na Livraria do Globo, estando até o presente sem obter outra colocação”*. As manobras intervencionistas também incluíam o prévio desligamento do presidente da sua empresa - e portanto, da atividade gráfica. Legg, em sua carta, confirma que sua demissão também foi requerida pelo então 1o. secretário do Sindicato, Vendelino Kumbartzki. O que tornava procedente os boatos de que um gráfico da Livraria Schapke havia sido aliciado para ser interventor. Consumada a etapa inicial da intervenção, a Delegacia Regional do Trabalho inicia um trabalho de cooptar alguns associados para formar a direção “biônica”. Porém, mesmo com a falta de uma direção, a Comissão Pró-Aumento de salários não deixou de continuar exercendo pressões junto ao sindicato patronal. A estratégia da intervenção também era de debilitar a capacidade de unidade e organização da base sindical em um momento de negociação salarial, que estava ocorrendo naquele momento. Neste sentido, o sindicato patronal e a Delegacia Regional do Trabalho estavam perfeitamente sintonizados.

Na medida em que era inevitável a intervenção, a base sindical defendia a formação de uma junta interventora, eleita em Assembléia Geral para dirigir o Sindicato. Esta proposta foi negada pelo Delegado Regional do Trabalho, que não apenas proibiu a realização da Assembléia, como manteve a posição de intervir. Argumentavam as lideranças sindicais que a eleição de uma Junta Governativa estava respaldada no



cumprimento do Art. 43, do próprio Estatuto.

Em meados de agosto de 1948 foi consolidada a intervenção. Em nota à imprensa, João Dêntice – Delegado Regional do Trabalho, informava os motivos que justificaram a intervenção. A Junta Interventora tinha como presidente João Vitaca, antigo deputado classista. Além disso, integravam a Junta, Nei Silva Machado e Jutahi Ferreira. Escrevendo no Boletim Gráfico, nº.14, o líder Claro Conceição Machado denunciava que dos três membros da Junta, apenas um era sindicalizado até o dia da posse. Ainda conforme a matéria, a “posse” dos interventores constituía-se em um legítimo assalto. Registra o Boletim: *“Abrindo a cerimônia um investigador de polícia fez uma “visita” discreta no Sindicato, simulando obter uma informação qualquer”* e quando retirou-se *“entraram os três interventores batendo palminhas”*. Esta encenação foi assistida pelos sindicalistas na sala de espera do gabinete dentário. A Junta Interventora passou a agir de forma autoritária e autônoma em relação à categoria e seus órgãos de deliberação.



Gráficos permanentemente mobilizados

Imediatamente proibiu a Comissão Pró-Aumento de negociar com os patrões/empresas. O Boletim Gráfico passou a ter um papel decisivo, concentrando toda a resistência e a reação das bases, insistindo nas atividades da Comissão Pró-Aumento e na convocação de Assembléia Geral. Foram constituídas sub-comissões de salários nos locais de trabalho para manter a categoria organizada e informada sobre a situação enfrentada pelo Sindicato. Durante todo o período de atuação da Junta, a base da categoria esteve mobilizada. As assembléias gerais convocadas pela Junta nunca puderam ser realizadas, pela absoluta falta de quorum. Em dezembro de 1948, os operários do “Diário de Notícias” deflagraram uma greve de 24 horas, pelo não cumprimento da promessa de concessão de abono de natal. O movimento foi duramente reprimido, inclusive com a demissão de cinco trabalhadores. Os gráficos passaram a viver um clima de perseguições e insegurança. O próprio governador na época, Walter Jobim, convocou dois operários da Imprensa Oficial para furarem a greve do “Diários”. Curiosamente, o jornal havia exercido forte oposição à sua candidatura durante a campanha eleitoral.

O Gráfico X Boletim Gráfico

Para fazer frente ao Boletim Gráfico, cada vez mais com influência sobre os trabalhadores gráficos, a Junta que comandava a intervenção, criou “O Gráfico”, em maio de 1950. A publicação surge como órgão oficial do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas de Porto Alegre. A publicação se contrapõe à linha editorial e política adotada pelo Boletim Gráfico. Apresenta-se como a função de *“ser porta-voz das necessidades, direitos e deveres dos gráficos em geral, tendo em vista, principalmente, a harmonia entre empregados e empregadores”*. A iniciativa, porém, não teve o sucesso esperado pela Junta. O jornal não passou das duas primeiras edições. Em agosto de 1951 volta a circular “O Gráfico”, agora sob a responsabilidade da base sindical, principalmente de antigas lideranças, como Luiz Bastos, Gabriel Quintana e Claro Machado. O período de atuação da Junta Interventora encerra em outubro de 1950. Uma Assembléia Geral elege nova Diretoria, retomando a tradição democrática que marca a trajetória do Sindicato.



“Ante a conjuntura econômica catastrófica em que o Brasil se acha mergulhado, com a importação da debacle ianque inflacionária e a corrida por lucros máximos, tem os trabalhadores do Brasil um dever de consciência, qual seja o da escolha do presidente da República.”
Severino Neuberger - 1955





Arrecadação de alimentos para as famílias dos grevistas

1953. Uma greve que entrou para história.

As primeiras lutas sindicais dos anos 50 mostraram a força e a capacidade política de organização que o Sindicato dos Gráficos de Porto Alegre possuía. Em meados de 1951, O Gráfico anuncia com entusiasmo a vitória no julgamento do dissídio coletivo instaurado em outubro daquele ano e que acabou sendo homologado em novembro de 1952, após rumoroso andamento. Por unanimidade de votos, o Tribunal Regional do Trabalho concedeu 35% de aumento à categoria. E o mais importante: estendeu os direitos a todos os trabalhadores gráficos do Estado. Na verdade, os trabalhadores locais incorporavam a agitação política que acontecia em todo o país, onde o clima era de

movimentos de protestos contra o aumento do custo de vida. Em julho de 1953 ocorre um comício na frente da Prefeitura de Porto Alegre contra a carestia. O movimento foi chamado de a Grande Concentração e foi convocado pelas Federações. No comando do ato predominava a liderança dos gráficos. Paralelamente, o Sindicato estava em plena mobilização, exercendo forte pressão pela tabela única de 60% de aumento.

Contudo, as negociações com a classe patronal estavam difíceis de avançar. E veio a Greve. A decisão foi tomada em Assembléia Geral, no dia 2 de agosto de 1953, quando compareceram 324 associados. Desses, 289 votaram a favor da paralisação. No dia seguinte é realizada outra Assembléia Geral Extraordinária, colocando a categoria em reunião permanente. A greve mobilizou todos os trabalhadores e se caracterizou pelo seu alto índice de organização, controle e transparência. A contabilidade, por exemplo, era feita diariamente, a partir dos fundos e doações de solidariedade recebidas para a manutenção do movimento. Também foi organizado um serviço de abastecimento para distribuição de ranchos para os trabalhadores grevistas. Passeatas, caminhadas, atos públicos nas ruas da cidade foram freqüentes naqueles dias.

O Sindicato recebeu inúmeras demonstrações de solidariedade, como a visita de comissões de deputados e vereadores, de trabalhadores e incontáveis telegramas de apoio. Um dos 1apoios mais importantes foi prestado pelo advogado Temperani Pereira, que se colocou à disposição do Sindicato, depois do término da greve dos bancários. Os gráficos grevistas foram visitados, então, por uma Comissão do movimento dos bancários. Eles vinham comunicar que passariam a receber um auxílio da Câmara Municipal e que parte desse dinheiro seria repassado aos gráficos. Ao longo desse histórico mês de greve, muitas negociações e mediações. Muitas propostas apresentadas e recusadas de parte à parte. A longa ata da Sessão de Assembléia Geral Extraordinária de 30 de agosto de 1953 registra, em seu final: *“o presidente informa que imediatamente compareceria ao Sindicato das Indústrias Gráficas para levar a decisão da classe em aceitar a sua proposta de 20% sobre os salários de mil novecentos e cinqüenta e dois. Após declara que essa decisão da classe punha término a mais gloriosa luta já travada pelo Sindicatos de Porto Alegre.”*



1954. Agitação política com a morte de Vargas

Os anos 50 iniciam bafejados pelos ventos da democracia. Getúlio Vargas é eleito presidente do Brasil pelo voto popular. Isto tem reflexos na própria vida sindical, com o fim das perseguições e das pressões. Porém, estes fatos não significavam que as lutas tivessem se tornado mais fáceis ou brandas. A primeira gestão da nova década traz de volta O Boletim Gráfico como órgão oficial do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos, que dá ampla cobertura às lutas do período. O Sindicato estava mobilizado em torno do dissídio coletivo. A vitória viria mais tarde, com a conquista de 30% de aumento. Outra luta importante referia-se à chamada Lei da Assiduidade Integral, denunciada à exaustão pelos



trabalhadores. A lei constituía-se em um instrumento pelo qual os empregadores não eram obrigados a dar aumento, mesmo vindo de julgamento de dissídio, aos empregados imptuais ou faltosos. Além disto, o empregador também descontava o descanso remunerado e as horas não trabalhadas. Portanto, o trabalhador era duplamente penalizado. Mais tarde a categoria conseguiu derrubar aquela nefasta lei. Também no início dos anos 50, realizou-se em Porto Alegre, o primeiro Congresso Sindical dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul.

Destaca-se a participação de José de Azeredo, delegado eleito pela base, defendendo as teses aprovadas pela categoria. Em fevereiro de 1952, o presidente Miguel Rodrigues renuncia, para assumir o cargo de Diretor da Imprensa Oficial. Toma posse Antonio Vieira de Azevedo, que era o 10. secretário.

A metade dos anos 50 é sacudida pela vida política brasileira. Vargas, com sua política popular-trabalhista, enfrenta grande resistência das forças oligárquicas-conservadoras, tendo em Carlos Lacerda o seu principal porta-voz. O assassinato do Major Vaz, no atentado da Rua Toneleros, é o ponto máximo da crise. Vargas se suicida, gerando uma comoção popular. O Boletim Gráfico em sua edição de dezembro de 1954, faz amplo comentário sobre os episódios que resultaram no incêndio do jornal Diário de Notícias, por ocasião das manifestações em torno da morte de Vargas. Um grupo de populares depredou e incendiou o prédio. Os trabalhadores gráficos da empresa foram punidos, tendo os seus salários reduzidos em 25%. Além disso, o pagamento dos salários teve um atraso de quatro semanas. O Sindicato organizou uma campanha de auxílio aos gráficos dos Diários, recebendo apoio de diversos setores da sociedade. Aqui, também o Boletim dos Gráficos teve um papel da maior importância, sempre conclamando a categoria a se solidarizar com operários. Aliás, esta era uma característica do Boletim: fazer campanhas de solidariedade com os trabalhadores enfermos ou desempregados.

Na gestão de 1955/56, Gabriel Quintana foi reconduzido à Presidência, em uma chapa de consenso, representando a unidade das lideranças



que comandaram a histórica greve de agosto de 53. Era a primeira vez que um Presidente exercia outro mandato consecutivamente. Também, pela primeira vez, se tem registro de uma mulher participando da diretoria, Wilma Maschke. A segunda gestão do presidente Quintana tinha um forte compromisso político, marca das lutas sindicais da época. Incluía a continuidade de antigas bandeiras de luta da categoria: congelamento geral dos preços dos produtos de primeira necessidade, aumento salarial, abono de natal, autonomia sindical, fim das intervenções no sindicato, direito de greve e construção da sede própria. Em março de 1958, realiza-se a 1ª Convenção dos Trabalhadores Gráficos. O encontro, que mostrava a alta capacidade de mobilização da categoria, tinha a finalidade de preparar a classe para grandes lutas que se aproximavam, como a Revisão do Salário Mínimo, aumento dos salários que não dependiam do salário mínimo, Lei Orgânica da Previdência Social, Legislação do Trabalho, Administração e Relações Sindicais. Importante é que a atividade da luta sindical nessa época estava intimamente ligada à conjuntura social e econômica do país. Por exemplo, no temário da Convenção, os gráficos incluíram pontos cruciais como a Defesa da Produção Nacional (indústria, comércio, agricultura, pecuária, petróleo e minérios) e Deveres e Direitos Políticos. Neste último ponto, propunham discutir direito ao voto aos analfabetos, a participação dos trabalhadores em movimentos nacionalistas e outras questões que mostravam o alto nível de politização do Sindicato.



Sede própria: Ladeira acima.

O fim da década seria marcado por mais um mandato do grupo da Greve de 53. Na gestão 1957-1960, a Diretoria tem à sua frente Wilson Borba Lima e Assis Albuquerque. Ao longo dos anos 50 basicamente era o mesmo grupo que dirigia o Sindicato, alternando apenas a presidência e a secretaria geral. Um grupo combativo, que vai encerrar aquela conturbada década levando as lutas relacionadas às negociações salariais e dissídios coletivos. Vale registrar, no âmbito da organização sindical, a instalação, no início de 1957, do Conselho de Representantes do Sindi-

cato. Era um grupo com a finalidade de traçar diretrizes da diretoria junto à Federação Nacional dos Trabalhadores Gráficos. Além disso, organizava palestras e debates, tendo o sindicalismo e os direitos trabalhistas como principais pautas. O conselho era formado por todos os representantes das empresas gráficas de Porto Alegre.

“A Casa do Gráfico somente se transformará em realidade se contarmos com a tua decidida colaboração” – Título de O Gráfico nº. 37 – março de 1955

Outra grande luta, travada neste período, foi a compra da sede própria. Já cansados de reuniões itinerantes, os gráficos se empenharam seriamente neste propósito. 1955 é o ano que marca o início da grande campanha. Nela os gráficos eram chamados a se solidarizar com a convocação feita. Era “um por todos e todos por um na luta da sede própria”. Ou como afirmava a matéria de capa de O Gráfico: “...a futura Casa do Gráfico, representará para nós, gráficos, o nosso segundo lar...um lar que velará pelos nossos direitos”. Ali pelos meados de 1958, uma Assembléia Geral Extraordinária aprovou a proposta de compra de um apartamento na Rua General Câmara, (a chamada rua da Ladeira) que viria a ser a futura sede do Sindicato por muitos anos. Para garantir receita e o equilíbrio financeiro do Sindicato, foi aprovado o aumento das mensalidades. A inauguração, em 12 de maio de 1960, contou com a presença de “centenas de associados e grande número de convidados”, como registrou na época O Gráfico. O ato simbólico de inauguração foi realizado por Dario Defreitas, talvez o último remanescente do grupo de trabalhadores que fundou o Sindicato, em 1929. Durante a solenidade de inauguração foram entregues, simbolicamente, diploma para 300 associados que contribuíram com a campanha financeira para a compra da sede. Pode-se afirmar que, a partir dela a luta do Sindicato entra numa nova era, onde a base material, fundamental para a organização sindical estava, agora, assegurada. Bem diferente dos tempos em que o Sindicato tinha que fazer reuniões na casa dos seus dirigentes, ou em lugares improvisados, o que sempre acabava prejudicando o próprio desempenho da entidade. Esta aquisição também assinala aquilo que seria outra marca muito forte do Sindicato ao longo da sua trajetória: uma boa gestão financeira e patrimonial.

“Esta conquista, não é só dos gráficos, mas de todos os trabalhadores, porque na atual conjuntura econômica e política do Brasil, abalada por tremenda crise, que atesta o fracasso completo das elites dirigentes, a classe operária vem reafirmando dia a dia, a pujança de sua organização e de seu trabalho...”
(Trecho do discurso pronunciado pelo Presidente Wilson Borba Lima na inauguração da Sede da General Câmara, em 1960.)

*O histórico Dario
Defreitas
inaugura, junto com
Wilson
Lima, a Sede da rua
da
Ladeira, em 1960.*



Wilson Lima: o combativo líder de uma era histórica.

A década de 1960 inicia com mais uma diretoria que tem à frente Wilson Borba Lima. O país vive, então, um clima de alta efervescência política. E o Sindicato reflete intensamente este quadro. Basta ler o Boletim Gráfico desta época. São várias as matérias que tratam da conjuntura nacional, da vida política brasileira e até mesmo da situação política internacional. O jornal tem uma função nitida

mente político-ideológica e um caráter combativo-denunciativo. É um momento decisivo na vida do país. Juscelino, o presidente bossa-nova, vai encerrar o mandato apresentando ao país uma nova capital, Brasília. E a campanha política das eleições presidenciais é sacudida pelo fenômeno Jânio Quadros e sua vassoura “moralizadora”. É neste quadro que uma geração extremamente politizada e combativa começa a ter a hegemonia do Sindicato - na verdade uma continuação daquela que se pode chamar de “Era Gabriel Quintana”, presidente por duas gestões nos anos 50, e líder da Greve de 53. A segunda Diretoria liderada por Wilson Lima foi eleita em chapa única. Foram mantidos, basicamente, os mesmos nomes da gestão anterior, trazendo de volta a poderosa “dobradinha” Wilson Borba Lima (presidente) e Assis Brasil Albuquerque (1º. Secretário). Além dos aspectos relacionados com a liderança e a hegemonia política deste grupo, ressalta-se que o processo sucessório ocorreu no ano da inauguração da sede própria, fato que seguramente contribuiu para a recondução da Diretoria, mesmo considerando que a campanha da sede própria mereceu o engajamento de todas as diretorias anteriores.

A luta sindical do período caracterizou-se, no âmbito institucional, pelo acompanhamento das mudanças na legislação trabalhistas, em especial, o debate sobre a aposentadoria especial. A questão salarial, sempre presente, com constantes movimentos de negociação com os patrões por aumento de salários, face ao aumento persistente aumento do custo de vida. Gabriel Quintana e outros associados denunciaram, em Assembléia, a estratégia das empresas de concederem aumentos parcelados de 5%, de modo a integralizar os pretendidos 35%, mas causando divisão entre os trabalhadores das empresas e prejudicando a unidade sindical. Também causou grande polêmica a decisão da diretoria de aumentar as mensalidades para fazer cobrir os custos cada vez mais crescentes dos benefícios prestados aos associados, principalmente o atendimento médico e odontológico. Uma Assembléia pouco participativa aprovou o aumento (25 associados de um conjunto de 950 associados quites com a tesouraria), gerando

SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS
INDÚSTRIAS GRÁFICAS DE P. ALEGRE

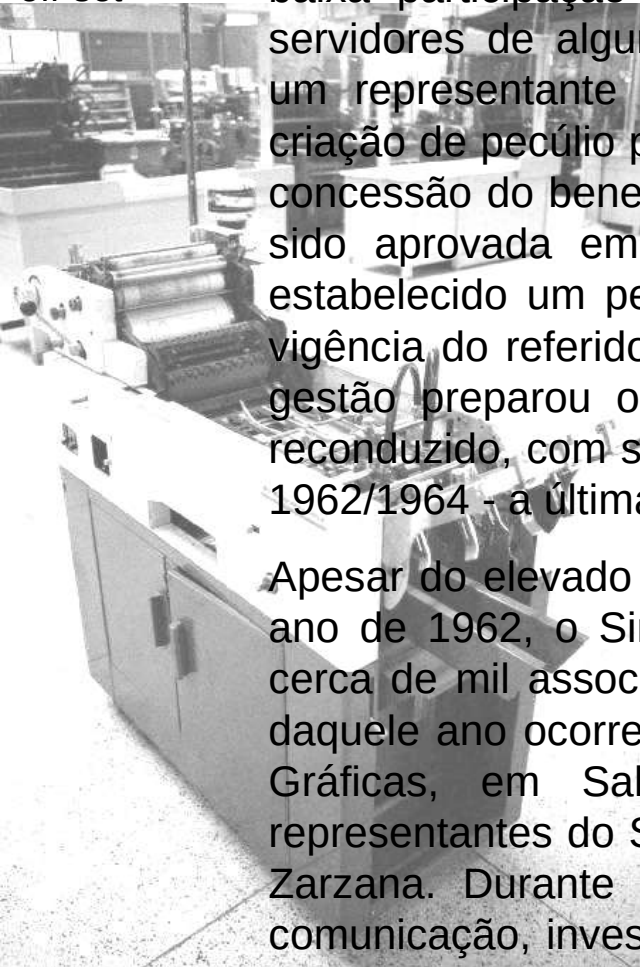
Campanha da Sede Própria

RELAÇÃO DOS GRÁFICOS QUE
ADQUIRIRAM APÓLICE

BALANÇO FINANCEIRO DAS CAIXAS

PORTO ALEGRE — 30 JUNHO DE 1953

Máquinas
para
impressão
off-set



vários protestos da categoria, bem como solicitações em massa de desligamento do Sindicato. Posteriormente, o próprio Gabriel Quintana foi voto vencido, quando solicitou a convocação de Assembléia Extraordinária para revisar a decisão sobre o aumento da mensalidade. A direção do Sindicato manifestou preocupação com a baixa participação dos associados nas assembléias, refutando a prática dos servidores de algumas empresas enviarem abaixo-assinado nomeando apenas um representante para participar das assembléias. Em 1962 foi aprovada a criação de pecúlio por morte de associado, de acordo com critérios fixados para a concessão do benefício. A medida igualmente gerou protestos, tendo em vista ter sido aprovada em assembléia por um número pequeno de associados. Foi estabelecido um período experimental de um ano (junho/62 a maio/63) para a vigência do referido benefício. De qualquer forma, o trabalho desenvolvido nesta gestão preparou o terreno para as próximas eleições. Assim, Wilson Lima é reconduzido, com seu grupo, para assumir a liderança do Sindicato, na gestão de 1962/1964 - a última gestão pré-64, mantendo a tradição sucessória do Sindicato.

Apesar do elevado número de solicitações de desligamento de sócios, durante o ano de 1962, o Sindicato, em 1963, voltou a estabilizar o número histórico de cerca de mil associados, registrando o ingresso de 112 novos sócios. Em junho daquele ano ocorreu o 3º. Congresso Nacional dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas, em Salvador, sendo destacada a participação dos delegados representantes do Sindicato: Gabriel Quintana, Otacílio Dutra dos Santos e Dante Zarzana. Durante o mês de junho, o sindicato inovou na sua estratégia de comunicação, investindo em um programa na Rádio Itai. O programa ia ao ar às segundas-feiras, a partir das nove da noite. O objetivo era manter a categoria gráfica bem informada. Na avaliação da direção do Sindicato, o programa foi de fundamental importância para a campanha salarial do ano, sendo considerada uma das mais bem sucedidas em



todos os tempos. No Encontro Sindical dos Trabalhadores Gaúchos, o Sindicato apresentou um documento, que foi aprovado, constituindo-se em roteiro para a reivindicações de todos os trabalhadores. No ano do golpe militar, a última assembléia geral ordinária realizada pela diretoria eleita ocorreu no dia 24 de março de 1964, quando foi aprovado o relatório do exercício 1963. O fim da era Wilson Lima/Assis Albuquerque se dá em abril de 1964, com a instalação da ditadura militar.

O Sindicato cai sob intervenção, tendo como interventor o Major Antonio Alves. Durante dois meses ele investigaria detalhadamente a atuação da entidade, decidindo pelo afastamento sumário de toda a diretoria eleita. Em seguida é nomeada a Junta Interventora, que encerra um período histórico, não apenas do Sindicato dos Gráfico, mas de toda a vida política e luta sindical da nação.

“É preciso, senhores, mais respeito pelos trabalhadores, porque não é só focalizando o que está errado que se vai endireitar este país, mas principalmente praticando o direito e a justiça que o operário faz jús.” **Oliric - 1954**

“Na grande maioria dos patrões encontramos aquela superioridade mesquinha, aquele nefando gesto de intolerância e pouco caso à uma injusta despedida de um operário carregado de responsabilidades. Pouco se lhe dá. Há Fraternidade? Respondemos: não, não há. E a luta continua. Continua.”

Hélio Pereira Ribas - 1954





Intervenção de 64. Mais um golpe no sindicalismo.

Nos anos 60, finalmente se consumaria o tão sonhado golpe que a elite brasileira vinha preparando, tendo à frente os militares como seus executores. Já haviam tentado, nos anos 50, buscando derrubar Vargas por sua aliança nacionalista-populista. Com o suicídio do Presidente, a comoção popular em todo país, obrigou os golpistas a recuarem. A nova tentativa se deu em 1961, quando Jânio Quadros renunciou, abrindo caminho para João Goulart assumir a presidência. Jango estava na China e os militares imediatamente foram contra sua

posse. Leonel Brizola era o Governador do Rio Grande do Sul e daqui ergueu sua voz contra a tentativa de golpe, instituindo a Legalidade. Jango havia sido Ministro do Trabalho de Getúlio Vargas e era identificado com os movimentos trabalhistas e sindicais. Era também o herdeiro imediato de Vargas ou, pelo menos, o primeiro nome na sua linha sucessória. O episódio é bem conhecido: com a resistência gaúcha os golpistas tiveram que recuar mais uma vez. Durante três anos o Governo João Goulart abriu espaços para os movimentos sociais, com grandes avanços na luta popular. Para muitos historiadores, o país vivia uma situação pré-revolucionária. Tanto no campo, quanto na cidade, o nível de organização dos trabalhadores abria perspectivas para grandes transformações sociais. E o clima de liberdade e agitação política irritava profundamente os militares, que desde a derrota em 1961, nunca deixaram de conspirar. Com a perspectiva das Reformas de Bases e a Reforma Agrária, prometidas por Jango, o poder econômico e os interesses internacionais se agitaram. E, finalmente, depois do famoso comício da Central do Brasil, em fins de março de 1964, no Rio de Janeiro, veio o golpe. Imediatamente foi decretado o Ato Institucional nº.1 e com ele acabaram-se as garantias civis e liberdades democráticas, instituindo-se um clima de repressão e falta de liberdade política. Como sempre, os sindicalistas foram os primeiros a sentir mais duramente as mudanças.

No Sindicato dos Gráficos a situação também não seria diferente. A repressão estendeu seus longos braços até ele, através de uma Junta Governativa que assumiu a direção do Sindicato no dia 9 de junho de 1964, após a destituição de toda a Diretoria, liderada por Wilson Lima e Assis Albuquerque. Dois ativos sindicalistas que encerrariam um ciclo iniciado na histórica Greve de 53. Segundo Euclydes Cruz, um dos motivos da Intervenção deveu-se à forte ligação de sindicalistas gráficos com movimentos pró-Brizola, que naquela época ainda tentava articular uma resistência aos militares. A Junta Governativa, inicialmente, foi constituída por Luiz Carlos Pinheiro, Presidente (Diário Associados), Constante Gonçalves da Silva . Tesoureiro (Livraria do Globo), e José Assis Borges Pinto, Secretário (Gráfica Selbach). Durante dois meses, a partir do Golpe, o interventor militar, Major Antonio Alves, realizou um intenso trabalho de investigação, buscando possíveis irregularidades que pudessem comprometer o Sindicato. O Major teve como assessor nesta inglória tarefa, o Tenente Arlenio Souza da Costa. E a dupla realmente produziu um relatório completo, registrando que tinha chegado ao conhecimento das autoridades militares a informação de *“vários fatos relativos a atividades subversivas e tendências comunistas de elementos da diretoria do sindicato”*. Estes fatos foram levados a julgamento do III Exército, que

julgou ser o suficiente para proceder a Intervenção. As investigações foram realizadas junto ao DOPS, na 2ª. Seção do III Exército e também no Sindicato Patronal. O Interventor Militar registrou que, contra os dirigentes Wilson Borba Lima, Assis Brasil Albuquerque, Miguel Lopes Cortes, Dante Zarzana e Gabriel Marcelo Quintana, pesavam *“fichas carregadas de anotações no Dops e na 2ª. Seção do III Exército”* devido, segundo ele, às *“suas manifestações em vários movimentos de solidariedade ao comunismo”*. Os outros dirigentes do Sindicato foram afastados por serem sabedores desta situação e nada terem feito para evitar que o Sindicato tivesse envolvimento com *“idéias contrárias à democracia”*. Surpreendente, e contraditório, foi o depoimento do Sindicato dos empregadores, afirmando que as atividades do Sindicato eram apenas reivindicatórias e que todos os movimentos de campanha salarial e mesmo de greves transcorreram normal e ordeiramente, levando o Interventor a concluir que *“nada de anormal se apurou com relação ao Sindicato e sim apenas referentemente a determinados elementos de sua diretoria”*.

Durante aquele período, a Junta Governativa, impediu qualquer manifestação política no interior do Sindicato e, principalmente, na base sindical. Para se ter uma idéia, foram realizadas apenas quatro reuniões de Diretoria. O trabalho da Junta Governativa limitou-se a continuar prestando o trabalho assistencial aos associados, ao mesmo tempo que procurava preservar o patrimônio deixado pela Diretoria. Na opinião dos próprios interventores, o legado patrimonial era digno de elogios, principalmente pelo fato de estar totalmente pago. A Junta também continuou a representar os associados na Justiça do Trabalho, em particular em reclamatórias para cobrar das empresas as gratificações habitualmente dadas por força do dissídio, bem como as cotas devidas aos sindicatos pelas mesmas. Por decisão da Junta, todos os funcionários que prestavam serviços ao Sindicato tiveram aumento de vencimentos para, assim, conservar o bom atendimento prestado aos associados. Neste período não foi acusada nenhuma diminuição ou aumento



Cliche para impressão

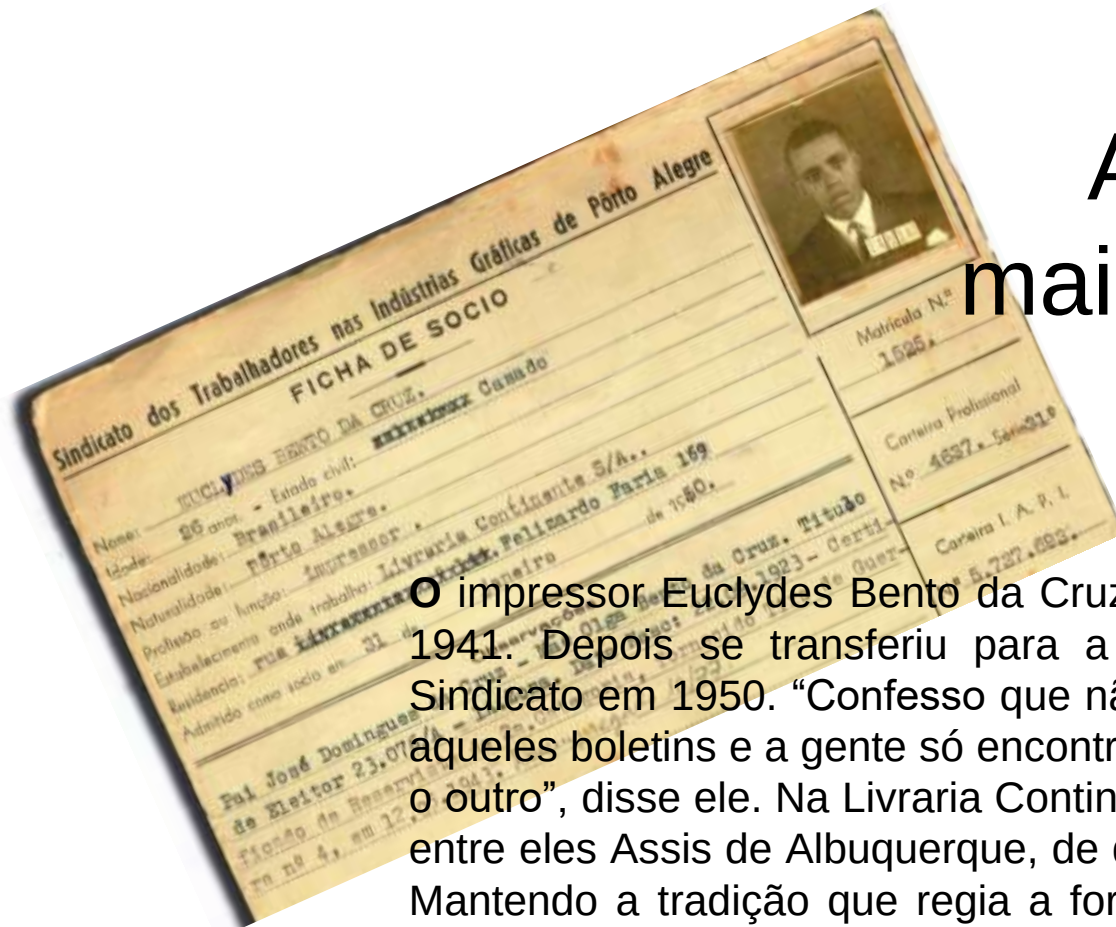
significativo da base sindical e do número de associados quites com a tesouraria, que conservava o número histórico de cerca de mil associados. O Relatório final deste triste período foi aprovado por unanimidade em Assembléia Geral de 26 de março de 1965, conforme a sugestão de parecer emitido pela Junta Governativa. O seu mandato se estendeu até agosto de 1965, quando finalmente, foram realizadas eleições para escolha de novos dirigentes. O Presidente eleito foi Hélio Pereira Ribas. A ditadura militar, infelizmente continuaria por mais 20 anos.

Curiosidades da Intervenção

Mereceu destaque especial a investigação na escrita contábil do Sindicato, realizada pelo Prof. Victor E. P. Salvaterra e pelo Advogado Dr. José de Oliveira Dornelles. Esta *“colaboração profissional”* indicava a rede já formada de colaboradores do regime, no sentido de consolidar os mecanismos de controle sobre as atividades políticas e sindicais. Merece referência as palavras ditas sobre a atuação do Prof. Salvaterra, elogiando que a qualidade do seu relatório devia-se *“à sua capacidade profissional, ao seu espírito de democrata, aos seus dotes de patriotismo e ao sentimento de colaboração – nua de interesses materiais e prenhe de interesses patrióticos”*

“Não devemos nos iludir esperando tirar do sistema social atual uma vida melhor, pois isso, seria impossível, uma vez que esse sistema é antagônico aos nossos interesses. Entretanto, devemos prosseguir firmes na luta, na certeza de que é justamente do resultado da mesma que iremos adquirir experiências que nos possibilitarão atinar com os meios que tornarão possível a anulação do sistema de exploração do homem pelo homem.” **Ladislau Quintana - 1954**





A Era Euclides, a mais longa de todas.

O impressor Euclides Bento da Cruz entrou para a Livraria do Globo em 1941. Depois se transferiu para a Livraria Continente. Entrou para o Sindicato em 1950. “Confesso que não tinha muita simpatia, porque eu lia aqueles boletins e a gente só encontrava ofensas e acusações de um para o outro”, disse ele. Na Livraria Continente, conheceu vários companheiros, entre eles Assis de Albuquerque, de quem foi colega durante muitos anos. Mantendo a tradição que regia a formação política dos gráficos desde o início do século, Euclides tomou contato no trabalho com a publicação “O Orientador”, que trazia detalhadamente todas as informações sobre o universo trabalhista, o que lhe deu uma ampla visão sobre os direitos da sua classe. No período mais difícil do Sindicato, no início da ditadura militar, Assis Albuquerque foi incansável, segundo Euclides. Foi ele quem lhe passou o compêndio da Lei Orgânica da Assistência Social. Na verdade, Assis já estava tentando há tempos levar Euclides para a vida sindical mais ativa. E fez o convite. O receoso Euclides pediu tempo para pensar. “Aí, andei consultando pessoas da minha volta,

perguntando para um, para outro. Me disseram: mas não te mete em sindicato, qualquer dia tu vais estar preso!” Euclydes, então, resolveu partir para ação naqueles tempos de medo. “Eu não tenho rabo. Se eu tiver que ser preso, vai ser por uma causa justa, em defesa da minha categoria.” E assim começava a Era Euclydes. Foi empossado secretário geral do Sindicato em 1965, na gestão de Hélio Ribas. Depois de seis anos como Secretário, ele começa “a caminhada como presidente”, como ele define.

Tempos de medo. E austeridade.

Desde o início, as diretorias que assumiam o Sindicato eram compostas por membros de um mesmo grupo político, indicando uma tendência à continuidade administrativa, muito mais do que a inexistência de divergências políticas. Com exceção das intervenções, por fatores políticos institucionais, esta foi a regra, ou seja, não promover grandes rupturas. Foram raros os episódios de disputa eleitoral, quase sempre eram formadas chapas de consenso. O período imediatamente pós-64, porém, foi marcado fortemente pela presença de um grupo que permanece no comando do Sindicato por 25 anos, sucessivamente. A intervenção de 1964, e os fatores subjacentes ao golpe militar realmente deram lugar a um novo modelo de gestão. Mesmo

“Não te mete em
sindicato, que vais
acabar sendo
preso!”



*Euclydes: 25
anos*

*de atuação
no*

Sindicato



Os anos 90: Modernização Tecnológica e Sindicalismo Político-Assistencial

A década de 90 vai se caracterizar por profundas modificações na matriz produtiva, nos modos e meios de produção gráfica. A modernização é uma realidade com a informatização e os sistemas digitais passam a substituir

os velhos processos artesanais. Algumas empresas passaram a ter grandes parques gráficos, com estruturas que rompiam com a dependência externa. Ou seja, aqui se passou a ter condições de realizar qualquer serviço gráfico que se fizesse necessário. Foram ficando para trás os antigos procedimentos gráficos e da predominância da política entre a categoria gráfica. No Sindicato, a década de 90 é inaugurada com a gestão de Marco Aurélio Ribas, fotolítico da Corag (Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas) e filho do antigo dirigente Hélio Ribas. Na eleição anterior, sua chapa havia sido derrotada para a situacionista, do grupo liderado por Euclydes Bento da Cruz, naquela que acabou sendo mais uma tentativa de permanecer no poder e cujo presidente eleito foi Antonio Adair Ferreira da Silva. A vitória de Ribas somente foi possível com a unificação das forças opositoras à gestão de Antonio Adair formada, predominantemente, por lideranças do Jornal do Comércio, Corag, Gráfica Metrópole e Livraria do Globo. Aposentados e antigos dirigentes como Bento Machado e Álvaro dos Santos, também emprestaram sua colaboração. O apoio político e operacional recebido de sindicatos vinculados à CUT, igualmente contribuíram para a vitória da chapa opositora. Na verdade, a gestão anterior já não vinha correspondendo à base sindical quanto ao atendimento de algumas reivindicações. A culminância do descontentamento com a gestão situacionista ocorreu na discussão do dissídio coletivo, quando foi muito criticada a atuação do Sindicato.

A gestão Ribas inaugurou uma nova fase na vida do Sindicato, não apenas pela ruptura com um modelo marcado pela centralização política, mas porque se inseriu em um contexto novo das relações de trabalho e de mudanças sociais. Representou, igualmente, o início de atuação de uma nova geração de dirigentes onde, à experiência de alguns, foram incorporados o vigor dos mais novos, muitos iniciando na atividade sindical. Algumas alterações foram realizadas, de modo a ajustar a estrutura sindical para novos papéis e exigências organizacionais. A própria necessidade de enxugamento da “máquina administrativa” acarretou inevitáveis despesas trabalhistas. Reformas físicas no prédio sede proporcionaram melhoria no espaço físico, condição necessária para a ampliação dos serviços prestados à categoria. A alteração no Estatuto, ocorrida em 1990,



Diretoria Executiva 2002 da esquerda para a direita:

1º Tesoureiro: Solis Souza da Silva

Presidente: José Antonio Guimarães de Fraga

Diretor de Esportes: André Luiz Amaral Nabarro

Secretária Geral: Marisa Martins

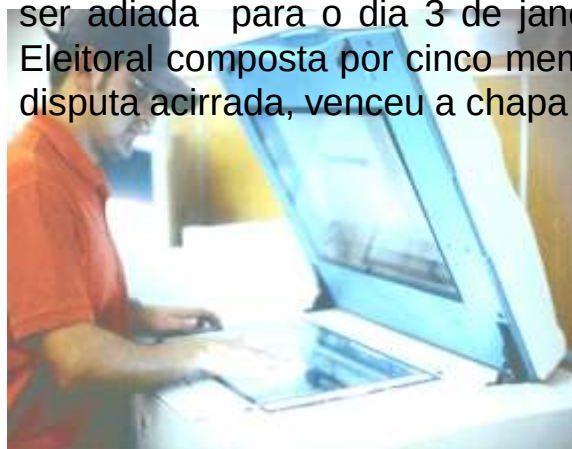
Diretor de Divulgação: Marco Aurélio Santana Vallejo

Vice-Presidente: Francisco Lázaro Peixoto da Silva
2º Tesoureiro: Darci Juarez de Campos Homem

1990, alastrou o tempo do mandato das gestões para 4 anos. Também foi modificado o organograma dos órgãos diretivos. Volta a ser criado o cargo de Vice-Presidente e as funções de 1º. e 2º. secretários passaram a ser acumuladas no cargo de Secretário-Geral. E foram criados dois novos departamentos: Esportes e Divulgação. Como órgão colaborativo surge o Conselho Consultivo. Esta é a estrutura que vigora até hoje.

Se a Gestão Ribas foi marcada por constantes interrupções do seu exercício na direção do Sindicato, em virtude de problemas de saúde, destaca-se, no entanto, a obtenção de algumas conquistas sindicais. Foi neste período que foram instituídos os pisos salariais da categoria e os quinquênios, importantes direitos, que hoje ajudam a balizar as relações negociais com a classe patronal. No plano jurídico, acompanhando iniciativas de outras categorias profissionais, o Sindicato ajuizou algumas ações referentes às perdas resultantes de planos econômicos, cujos ganhos estão sendo obtidos até agora. O término da gestão de Marco Aurélio Ribas e a transição para o próximo período de mandato caracterizou-se por uma disputa acirrada entre forças que antes estavam politicamente alinhadas, mas que, contudo, construía projetos político-administrativos diferentes para a gestão do Sindicato. Na verdade, ocorriam fortes críticas ao modo centralizador da gestão do Presidente Ribas, onde era extremamente difícil, até mesmo, o contato direto dos associados. Este distanciamento da base acabou por isolá-lo politicamente.

Os acordos para a recondução de uma chapa de consenso para as eleições de novembro de 94, acabaram não encontrando respaldo em outros grupos internos, e que eram contrários a continuidade de Ribas no comando do Sindicato. Mesmo com o Edital de convocação já divulgado na imprensa, a ação hegemônica deste grupo oposicionista provocou a renúncia coletiva de todos os membros desta chapa, proporcionando a formação de uma outra, sem a presença de Marco Aurélio Ribas. Diante destes episódios a eleição teve que ser adiada para o dia 3 de janeiro de 1995. Em virtude da inusitada situação, foi formada uma Comissão Eleitoral composta por cinco membros neutros à disputa, para organizar as eleições e mediar os conflitos. Em disputa acirrada, venceu a chapa liderada por José Antônio Guimarães de Fraga, que era composta pela quase

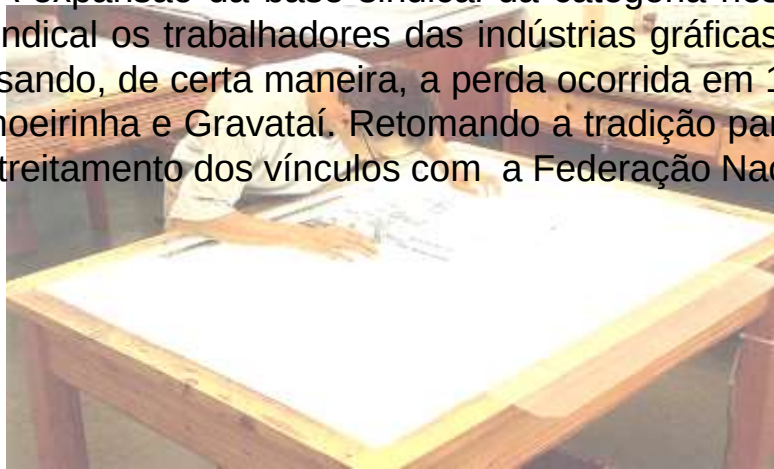


Modernidade: informatização chega ao universo gráfico.



totalidade dos membros que promoveram a renúncia coletiva. O confronto se deu com a chapa formada por alguns integrantes da chapa perdedora da eleição anterior e membros de gestões anteriores, principalmente do campo de influência de Antônio Adair F. da Silva. Tendo em vista a alteração da data da eleição a posse da nova Diretoria ocorreu, excepcionalmente, no dia 19 de janeiro de 1995, já que tradicionalmente ocorre no mês de dezembro. As seqüelas desta disputa se manifestaram na solenidade de posse, onde o presidente Marco Aurélio Ribas não compareceu para transmitir o cargo ao seu sucessor. A Diretoria Executiva da gestão Fraga no período 1994-1998 (apesar da posse ter sido em janeiro de 1995) é composta de alguns associados que experimentaram o seu primeiro mandato. É o caso de Darci Juarez de Campos Homem (Vice-Presidente) e Francisco Lázaro Peixoto da Silva (Secretário Geral). Permanecem da gestão anterior: Marco Aurélio Santana Vallejo (Diretor de Esportes), Luiz Carlos Noal (1º. tesoureiro), Solis Souza da Silva (2º. tesoureiro) e Mário Antônio dos Santos (Diretor de Divulgação). Igualmente, nos Conselhos outros novos dirigentes passaram a participar.

Complementando a Reforma Administrativa iniciada em 1990-94, a nova Executiva, diferentemente das gestões anteriores, passa a exercer atividades em turno integral na sede do Sindicato, potencializando o atendimento aos associados e atendendo novas demandas que o dinamismo da vida sindical requeria. Neste sentido, funções burocráticas e políticas passam a fazer parte do cotidiano da Direção. Do ponto de vista das relações externas, o surgimento de novas empresas, combinando com a ampliação dos serviços e dos eventos na estrutura interna, justificavam a necessidade de uma estrutura organizacional mais eficiente e dinâmica. O Boletim “O Gráfico”, que deixara de circular praticamente por mais de duas décadas, voltou a ser o órgão informativo da categoria onde, através de edições especiais, passou a circular com mais regularidade. A expansão da base sindical da categoria neste período se intensifica. Em 1995, incorpora-se à base sindical os trabalhadores das indústrias gráficas de Guaíba, Eldorado do Sul, Viamão e Alvorada, compensando, de certa maneira, a perda ocorrida em 1991, com a transferência de base dos municípios de Cachoeirinha e Gravataí. Retomando a tradição participativa do Sindicato no plano nacional, é promovido o estreitamento dos vínculos com a Federação Nacional dos Trabalha



dores Gráficos, inclusive com a participação de dirigentes gaúchos em órgãos de representação da Federação. A efetividade das ações no plano administrativo e assistencial, bem como o desenvolvimento de uma prática de vinculação mais direta com as demandas da base sindical, foram medidas que proporcionaram mais um mandato para o grupo de dirigentes que assumiu o poder em 1994. A chapa única foi referendada por 95% dos associados que compareceram às urnas de votação nos dias 2 e 3 de dezembro de 1998.

A gestão de 1998-2002, que atravessaria a junção do novo milênio manteve, basicamente, os mesmos membros da Diretoria Executiva anterior. A presidência continuou sendo exercida por José Antônio Guimarães de Fraga, sendo seu Vice, Francisco Lázaro Peixoto da Silva. A novidade foi a maior participação de mulheres no quadro de dirigentes do Sindicato.

Na Diretoria Executiva, a Secretaria Geral passou a ser exercida por Marisa Martins, da Corag. Trata-se da primeira mulher gráfica a participar de Diretoria Executiva. Em outros períodos identificamos a presença de mulheres em espaços de menor importância e hierarquia. Mesmo que a participação da base da categoria nas Assembléias Gerais tenha sido pequena, expressando de certo modo uma tendência típica da conjuntura do movimento sindical da última década, a Diretoria manteve a sua estratégia de continuar estreitando os vínculos com o conjunto dos trabalhadores gráficos. Consolida-se a estratégia de proporcionar um ambiente favorável à aproximação da base sindical ao cotidiano do Sindicato. O controle e gerenciamento adequado das finanças da entidade permitiu a manutenção e melhoria da assistência oferecida aos associados, bem como a conservação e expansão patrimonial. Marco importante deste período foi a aquisição, em 1997, da Sede Campestre, localizada no Chapéu do Sul, na zona sul de Porto Alegre, onde os três hectares de área disponibilizam aos associados vários equipamentos de lazer, como quiosques, galpão crioulo, churrasqueiras,

Piscina da Sede campestre



Acima: entrada da Sede campestre. Abaixo: quiosque

*Galpão
Crioulo da
Sede
Campestre
do
Sindicato,
em Belém
Novo*



piscina, campo de futebol e áreas de recreação. A regular participação da categoria gráfica em torno das atividades sócio-recreativas e assistenciais, ao mesmo tempo que contrasta com a pouca participação nas atividades nas assembléias ou em ações político-reivindicatórias, identifica os caminhos possíveis para o desenvolvimento de uma integração e unidade em torno dos interesses comuns. Fruto desta necessidade de integração e da definição política de construir um Sindicato para os associados, pôde ser aos poucos sedimentado um calendário de eventos durante todo o ano. Fazem parte desta programação: Dia do Gráfico (07 de fevereiro), Dia Internacional da Mulher (08 de março), comemorações do Dia do Trabalhador (1º de maio), comemorações no mês de aniversário de fundação do Sindicato (12 de maio),



Diretoria: Em pé, da esquerda para à direita: Délcio Peixoto Glória, André Beidacki, Jorge Antonio Carvalho Pavão, Luiz Carlos Noal, Francisco Lázaro Peixoto da Silva, Antonio Linhatti, José Antonio Guimarães de Fraga, Mário Antonio dos Santos, Marisa Martins, Odilon Manzoni Lemes, Edison Martins Ortiz, Júlia Inês Souza Fortes e Mauro Sérgio Cândido de Deus. Sentados na mesma ordem: Nei da Silva, Darci Juarez de Campos Homem, Bauro da Silva Bitencourt, Silvia Maria da Rosa, André Luiz Amaral Nabarro, Marco Aurélio Santana Vallejo, Solis Souza da Silva, Luiz Carlos da Silva e Claudio Antonio Ferreira.



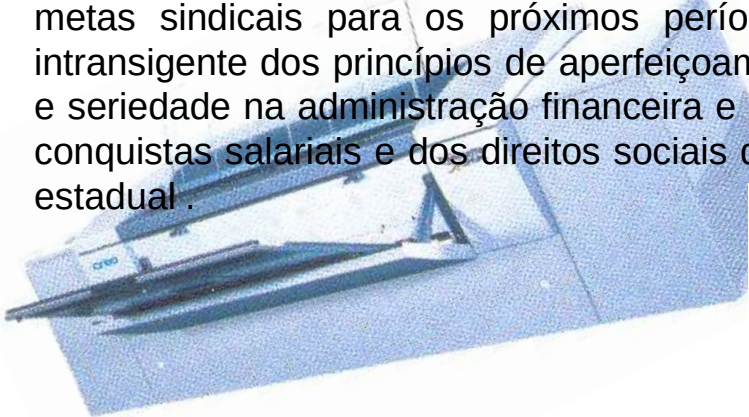
Festejos do Dia da Criança (12 de outubro), Campeonato Inter-gráficas (setembro a novembro), Jogos de Verão (novembro), festividades de Fim-de-ano e Natal da Criança Gráfica (dezembro). Boa parte destas atividades estão vinculadas diretamente com a disponibilidade oferecida pela Sede Campestre. Também começaram a ser realizadas excursões com os associados, aproximando-os, em um clima de convívio e cidadania.

Os desafios do futuro



O conjunto das indústrias gráficas da área de atuação do Sindicato conta com aproximadamente 3.200 trabalhadores gráficos. O Sindicato tem, atualmente, cerca de 1.200 sócios ativos. Juntam-se a esses os 210 aposentados, regularmente cadastrados. Nos dois últimos mandatos o número de associados praticamente dobrou, recuperando um patamar positivo de sindicalização. Registra-se que este incremento corresponde a um período, onde a automação e as mudanças tecnológicas afetam o nível de disponibilidade de postos de trabalho

no mercado. Estratégias, como até mesmo a realização de sorteios de prêmios, são utilizadas para estimular a busca de novos associados. Também, para aumentar a sua base de atuação, o Sindicato passou a exercer pressão para o enquadramento como de natureza gráfica, de várias modalidades de empresas e atividades, que hoje estão caracterizadas como setor de serviços e outras funções econômicas, mas que na realidade possuem grande compatibilidade com as atividades de características gráficas. É o caso das empresas de impressão digital, flexografia, fotocópias, fotografia digital e banners, bem como as gráficas expressas. As metas sindicais para os próximos períodos incluem o desenvolvimento dos seguintes eixos: a defesa intransigente dos princípios de aperfeiçoamento da democratização da gestão do Sindicato, a transparência e seriedade na administração financeira e patrimonial, o estímulo ao aumento da sindicalização, a defesa das conquistas salariais e dos direitos sociais dos trabalhadores e o fortalecimento e integração junto à federação estadual.



Tecnologia de última geração: a evolução gráfica

“O homem, desde épocas imemoriais, sentiu a necessidade associativa, porque na solução dos problemas coletivos exigem a troca de idéias através do debate, e que daí surgiram as grandes empresas, indústrias e organizações das mais variadas.” **Danesi - Março 1958**



Dirigentes e associados do Sindicato: Mauré da Silva, Ubirajara Farias, Assis Brasil, Euclides Bento da Cruz, Crescêncio Braum, José Antônio de Fraga (Presidente da Gestão 1998/2002), Walter Nunes, Eloy dos Angeles, Antônio Roncato e Ari Corrêa dos Santos

O último encontro de Assis Albuquerque

Em meados de 2001, reunimos na sede do Sindicato dos Gráficos vários ex-dirigentes para um fraterno encontro, onde cada um deu seu depoimento sobre sua atuação no Sindicato. Muitas histórias foram contadas e o encontro ficou registrado, sendo devidamente gravado. Foi o último encontro em que compareceu Assis Brasil Albuquerque, um dos mais destacados dirigentes da categoria de todos os tempos. Ele morreria em abril de 2002 deixando entre nós a imagem de um líder entusiasmado e carismático. Aqui um breve perfil dos dirigentes que compareceram ao encontro.

CARLOS GUEDES - 80 anos. Iniciou suas atividades como impressor na Livraria Schapke. Conforme a sua ficha, foi admitido como sócio no Sindicato em 1946. No entanto, em Ata de reunião ordinária da Direção do Sindicato, consta a aprovação de seu nome como sócio em 1940. Isto significa que ele pode ser o associado mais antigo, em vida, do Sindicato. Nunca fez parte de direções, mas manteve uma ativa participação na base sindical. Aposentou-se em 1972.

VALTER NUNES - 71 anos. Iniciou suas atividades como impressor em 1945, então com 14 anos, na Livraria do Globo. Foi admitido como sócio em 1954. Posteriormente atuou no serviço público, aposentando-se no Tribunal Regional do Trabalho, onde atuava como chefe da gráfica. Participou da construção de uma chapa concorrente à direção do Sindicato composta exclusivamente de trabalhadores negros. Foi militante partidário na década de 80.

ASSIS BRASIL ALBUQUERQUE - Morreu aos 73 anos, em 2002. Iniciou suas atividades como impressor da Gráfica Moderna. Foi admitido como sócio desde 1950. Escreveu vários artigos de conteúdo político no Boletim dos Gráficos durante a década de 50. Nunca foi Presidente, mas atuou sistematicamente nas direções, desde a década de 50. Foi militante do PCB. Aposentou-se em 1981, na Livraria do Globo.

EUCLYDES BENTO DA CRUZ - 78 anos. Iniciou suas atividades como impressor da Livraria Continente. Foi admitido como sócio em 1950.



Participou de diretorias do Sindicato desde a década de 60, sendo presidente por mais de uma gestão no período de 70 a 90. Foi o principal idealizador e responsável pela compra da atual Sede.

ELOY DIAS DOS ANGELOS - 71 anos. Iniciou suas atividades como linotipista do Correio do Povo. Foi admitido como sócio em 1948. Participou mais ativamente no Boletim dos Gráficos, escrevendo artigos no período de 1951/55. De posição política moderada e legalista, protagonizou polêmica através de artigos com o dirigente Wilson Borba Lima. Posteriormente exerceu atividades de jornalista. Aposentou-se no serviço público (INSS). Foi dirigente da Sociedade Floresta Aurora e do Satélite Prontidão, clubes da comunidade negra. Participou, juntamente com Valter Nunes, da tentativa de consolidar uma chapa de trabalhadores negros.

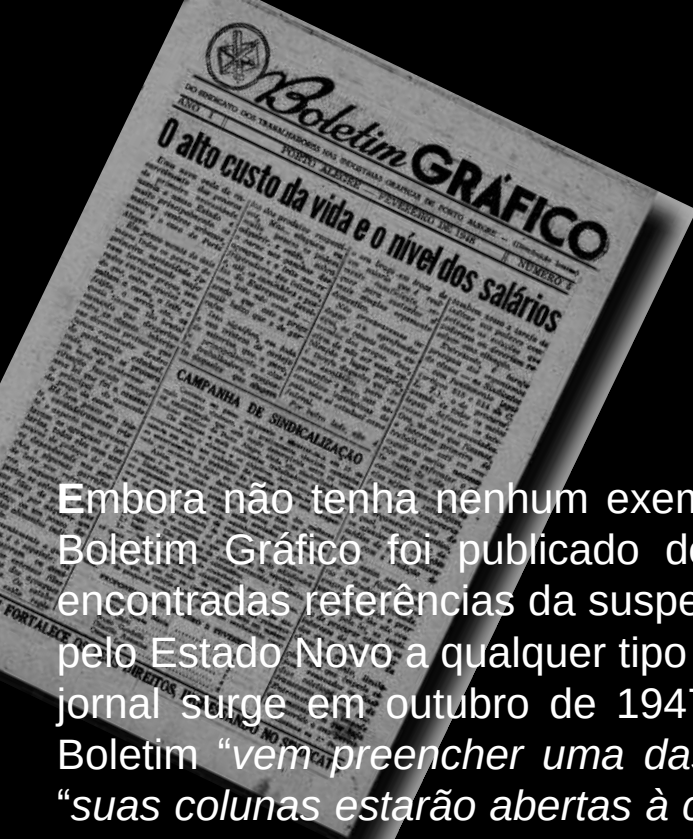
CRESCÊNCIO ALBERTO BRAUM - 72 anos. Iniciou suas atividades como encadernador na Gráfica Editora Santa Maria. Posteriormente atuou na Gráfica MetrÓpole. Foi admitido como sócio em 1959. Foi dirigente do Sindicato, na época de Assis Albuquerque e Euclydes Bento da Cruz

MAURÉ DA SILVA - 65 anos. Iniciou suas atividades como impressor na Livraria do Globo. Nunca foi dirigente, nem participou de atividades políticas do Sindicato. Caracteriza-se por ser assíduo freqüentador das atividades sociais e recreativas do Sindicato.

ARI CORRÊA DOS SANTOS - Começou como impressor tipográfico na Ética Impressora. Mais tarde passou a trabalhar na Feplam. Teve participação no Sindicato, na época de Euclydes Bento da Cruz e, depois, na direção de 1991-1994, como presidente do Consell



O papel de resistência política do **Boletim Gráfico**



Embora não tenha nenhum exemplar do período inicial no acervo pesquisado, sabe-se que o Boletim Gráfico foi publicado de uma forma não sistemática no início dos anos 30. São encontradas referências da suspensão de circulação do Boletim, devido à forte censura imposta pelo Estado Novo a qualquer tipo de publicação, inclusive de livros. Porém, em termos oficiais, o jornal surge em outubro de 1947. Em seu primeiro número oficial, o Editorial registra que o Boletim *“vem preencher uma das mais sentidas lacunas de nosso sindicato”* informando que *“suas colunas estarão abertas à colaboração de todos os associados que nele quiserem dizer o que pensam sobre a classe e suas reivindicações”*. Este objetivo que poderia ser mera figura de retórica, transformou-se numa das características mais significativas da base gráfica.

Na edição nº. 2, o sindicalista Carlos Rezende (um dos que não furou a greve em São Paulo) em artigo que defende a manutenção do Boletim, em certa medida, sintetiza a inevitável vocação da categoria afirmando que o Boletim servirá *“como símbolo do grau intelectual de uma classe de trabalhadores que é o alicerce, onde se erguem a inteligência, a civilização e o progresso de uma nação, como obreira que é, embora anônima de todos esses fatores capazes de conduzir um povo às culminâncias da grandeza”*. Realmente, o vanguardismo da classe gráfica entre o movimento sindical daquela época revela sua vocação para ser a intérprete das correntes literárias, políticas e sociais que a rigor, e conforme Carlos Rezende *“passavam à frente daqueles que necessariamente tinham que dar vida através de*

panfletos, livros ou revistas a estas idéias". Percebe-se não ser por acaso o fato de hegemonicamente a vanguarda sindical dos gráficos ser composta pela categoria dos linotipistas. Eram os que estavam mais diretamente vinculados com a face "jornalística" da atividade, o que permitia um acesso mais direto e permanente com as fontes de informação. Com isto a categoria gráfica se colocava como setor privilegiado. A análise do conteúdo das matérias dos Boletins deste período, permitiram identificar não apenas a qualidade jornalística dos artigos, como o vigor com que debatiam a luta política da categoria vinculada com o cenário político da época. Os objetivos colocados no Editorial logo foram compreendidos pela categoria, haja visto o grande número de dirigentes que assinavam artigos. Comprovou-se igualmente que a capacidade crítica e vocação da categoria, como Carlos Rezende já havia previsto no Boletim.

Durante 14 anos, principalmente entre os anos 1947-57, o Boletim exerceu papel fundamental para a informação e o debate político entre os gráficos. No anos de 1948, o jornal teve 16 edições, mostrando a grande capacidade de organização da categoria. Neste ano destacam-se os artigos de Claro Conceição Machado, Luiz Bastos, Francisco Assis Leal e Miguel Rodrigues. No período da primeira Intervenção, sofrida pelo Sindicato (1948-1950), mesmo sob o comando da Junta Governativa, o Boletim não deixou de circular. Ao contrário, foi usado como canal de resistência, já que eram os dirigentes contrários à Intervenção que o produziam. Na edição de 30 de agosto de 1948, Claro Concei-

*Salve 1º de Maio Dia do
trabalhador
Saúdo a classe gráfica Bem alto
e com fervor Porque esta
profissão
Abracei-a com amor
Silvio Alvarenga*



ção Machado denunciou com detalhes como ocorreu a posse dos interventores. A Junta Interventora passou a agir de forma autoritária em relação à categoria, desrespeitando até mesmo os órgãos deliberativos. Por exemplo, desautorizou a Comissão Pró-aumento de salários negociar com os patrões. A reação da base se efetiva, independente e paralelamente, através do Boletim, que transformou-se em centro de denúncias, insistindo nas atividades da Comissão pró-aumento e na convocação de Assembléias Gerais. Na verdade, até o início do ano de 1950, o Boletim dos Gráficos foi o poder paralelo e de fato da classe gráfica e teve papel fundamental para o isolamento político da Junta Interventora.

**Desde o início, um jornal
identificado com os
interesses da categoria gráfica**

Em maio de 1950, a Junta Interventora reage a esta situação e cria “O Gráfico”, identificando-o como o órgão oficial do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas de Porto Alegre. A publicação se contrapõe à linha editorial e política adotada pelo “Boletim Gráfico”, sendo enfatizado na apresentação que o mesmo se *“propõe a ser porta-voz das necessidades direitos e deveres dos gráficos em geral, tendo em vista, principalmente, a harmonia entre empregados e empregadores”*. A tentativa naufraga: saem somente duas edições. Em agosto de 1951, volta a circular “O Gráfico”, conservando a denominação criada pela Junta, mas sob a responsabilidade da base sindical, com a volta da colaboração de Claro Machado e Luiz Bastos. Incorporam-se ao “Gráfico” outros sindicalistas que seriam dirigentes importantes na vida do Sindicato. Destacam-se neste período os artigos de Gabriel Quintana, Antonio Azevedo, Wilson Borba Lima e Eloy Dias dos Angeles, que posteriormente



viria a ter uma carreira jornalística, que continua até hoje. Era comum na época o uso de pseudônimos na assinatura de artigos, como “Olliric”, “Danesi”, “Cardoso “ e “Tigre Velho”. O Boletim caracterizava-se pela diversidade dos assuntos abordados, pois embora fossem destaques as questões político-sindicalais, também havia espaço para notícias sociais, esportivas e de temas livres.

Os novos tempos do jornal

No âmbito político é digno de registro os comentários de Wilson Borba Lima, um dos mais críticos e preparados dirigentes da época. Sem dúvida, a interação dos dirigentes gráficos com a produção jornalística e literária da época, enquanto operários das oficinas gráficas dos jornais, muito contribuiu para a aquisição da cultura da escrita. Neste período de circulação sistemática do “O Gráfico”, há registros históricos, como a última edição de 1960, que apresenta a cobertura completa da inauguração da sede própria da Rua General Câmara, com foto de capa do fundador Dario Defreitas cortando a fita simbólica do ato inaugural. Em 1967, o Boletim volta a circular, informando terem sido “saneadas as dificuldades que se antepunham à sua circulação”. Mesmo tendo como objetivo a periodicidade trimestral, ele só volta a apresentar outras edições em novembro de 1969 e dezembro



« Que descobrimos, através de certos de um país e o que dedicamos diretamente aos homens que assim se acham de tudo, e não fazem apenas, um grande arte' ». Uma visão em favor da arte e da cultura... Fato que a vida não conta a que a política desentende

Alors que le monde continue de s'agiter, nous ne pouvons que nous réjouir de la victoire de la justice et de la vérité. La justice est la base de toute société humaine. La vérité est la base de toute civilisation. La justice et la vérité sont les deux piliers de la démocratie. La justice et la vérité sont les deux piliers de la liberté. La justice et la vérité sont les deux piliers de la paix. La justice et la vérité sont les deux piliers de la prospérité. La justice et la vérité sont les deux piliers de la gloire. La justice et la vérité sont les deux piliers de la vie. La justice et la vérité sont les deux piliers de la mort. La justice et la vérité sont les deux piliers de l'éternité. La justice et la vérité sont les deux piliers de tout.

Enquanto isso, uma vez concluído o trabalho de campo, a equipe de pesquisadores da Universidade de São Paulo, sob a liderança do professor Roberto de Sá, iniciou a análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão divulgados em um livro, intitulado "Avaliação da Qualidade da Água em São Paulo", que será publicado pela editora da Universidade de São Paulo.

[illegible]

— Para que tenham uma ideia
exata de que tudo se des-
envolveu e se desenvolve
rapidamente, apresentamos
algumas informações de uma
última avaliação de 1998 (Há-
bitat 2000):

E OS

colours were applied to the surface of the wood, and the wood was then painted with a coat of white paint.

— Qual é tipo de teatro que você está fazendo, independentemente do tempo que passou?

— É experimental.

— Que tipo, 1964, do tempo de teatro que você fez?

— O período da desconstrução do que, no do tempo-40, eu estava mais próximo, então desconstruindo a própria.

— O teatro é a vida, não é? De uma a outra, é mais complexo mesmo e não tem nada simples, não tem nenhuma regra, não tem nenhuma regra.

— Não, é Teatro Experimental.

[illegible]

... e, em seguida, a mulher, com o cabelo preso em um coque, olha para a câmera com uma expressão séria. O texto ao lado da imagem é o seguinte:

... e, em seguida, a mulher, com o cabelo preso em um coque, olha para a câmera com uma expressão séria. O texto ao lado da imagem é o seguinte:

EXAUSTED DOBNER
Banks do 'TRAFFIC'

È stato il più importante
e intenso dei nostri. E a Daga

100% 95% 90% 85% 80% 75% 70% 65% 60% 55% 50% 45% 40% 35% 30% 25% 20% 15% 10% 5% 0%

ALLEN, DR. THOMAS - author, *Thomson's Dictionary of the English Language* - born 1813 -
 His works are published by...



a
do
ne



tri
in

da



EVANGELIO BORRERO, director del sector científico de "TRABAJO EXPERIMENTAL" (40-41) de la UBA.

DESIGN: JAMES LAMONT; ILLUSTRATION: JOHN DODD; FONT: HELVETICA; TYPE: JAMES LAMONT

[illegible]

de 1971. A partir de 1972 até 1987, conforme depoimento do próprio dirigente Euclides Bento da Cruz, o Boletim não circulou por falta de recursos financeiros. Obviamente, não foi somente este fator que explica a não circulação do Boletim. Na verdade, o jornal não se constituiu uma prioridade e o esvaziamento político da categoria não exigia um veículo polêmico e combativo como o velho Boletim. Em 1987 é editado um número especial, para registrar a inauguração da sede da Rua Veador Porto. No início dos anos 90, o jornal volta a circular, mas sem periodicidade definida, cobrindo apenas alguns episódios específicos. A partir de 1995, na gestão Fraga, o Boletim procurou manter uma circulação trimestral, com ênfase para as informações de interesse específico da classe gráfica. Diferentemente da atualidade, onde as entidades sindicais, contratam jornalistas profissionais para serem responsáveis pela edição de seus órgãos de informação, nas décadas passadas saíam do corpo de dirigentes e da base sindical, as comissões editoriais e de colaboradores. As introduções tecnológicas no campo do sistema de informação e comunicação, principalmente com o advento da Internet e dos correios eletrônicos, têm minimizado a importância dos órgãos de informação tradicionais como instrumento de intercâmbio de notícias. Contudo, nunca estará ultrapassado o papel que o “Boletim Gráfico” desempenha enquanto testemunho da história da classe gráfica.

Harpur, 1981, p. 1006-1007.

Além disso, tem-se desenvolvido política internacional que a torna cada vez mais vital.

De sua Exatidão que a vossa a comita seria capaz, e sua afecção a vossas e de Deus e de todos os santos.

El resultado, al reflexionar sobre aspectos tan simples como estos, es que la vida que se vive, realmente, es una vida que vive apesadumbrada, no mejor que la de quienes se han perdido.

It is not necessary to use any of the above
in the preparation of the final report. The
report should be prepared in the form of a
summary of the work done, and should be
submitted to the Committee for their consideration.

una de douăzeci de milioane de lei, în condițiile în care prețul mediu al energiei electrice este de 1,5 lei pe kilowatt oră, ceea ce înseamnă că valoarea de calcul este de 13,3 milioane de lei.

Elaborado: Departamento de Engenharia de Estruturas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entrevista a Lucinda Pedraza sobre sua experiência de trabalho.

Uma coisa que se sabe com a certeza absoluta? Talvez que, apesar de tudo, continuando a ligar os pontos para a existência de soluções, os matemáticos devam chegar

Este autor considera, a par, a presença de linhas de
estruturas superficiais que se estendem para dentro do material
de construção através dele.

Das Hotel Imperial y la Alameda centralizada, son un
moneda que sólo comienza con la llegada de algunas familias.

Pr. Silvio: «... mas que é falta é bem diferente»

[illegible]

ad

m

tr

Experten für einen neuen
Anfang, in der Welt der
Medien, in der Welt der
Kommunikation, in der
Welt der Kultur, in der
Welt der Politik, in der
Welt der Wirtschaft, in der
Welt der Wissenschaft, in der
Welt der Kunst, in der
Welt der Literatur, in der
Welt der Philosophie, in der
Welt der Religion, in der
Welt der Ethik, in der
Welt der Medizin, in der
Welt der Biologie, in der
Welt der Chemie, in der
Welt der Physik, in der
Welt der Astronomie, in der
Welt der Geographie, in der
Welt der Geschichte, in der
Welt der Soziologie, in der
Welt der Psychologie, in der
Welt der Anthropologie, in der
Welt der Linguistik, in der
Welt der Musik, in der
Welt der Malerei, in der
Welt der Skulptur, in der
Welt der Architektur, in der
Welt der Gartenbau, in der
Welt der Landwirtschaft, in der
Welt der Industrie, in der
Welt der Handel, in der
Welt der Dienstleistungen, in der
Welt der Transport, in der
Welt der Energie, in der
Welt der Umwelt, in der
Welt der Gesundheit, in der
Welt der Bildung, in der
Welt der Freizeit, in der
Welt der Sport, in der
Welt der Kunst, in der
Welt der Literatur, in der
Welt der Philosophie, in der
Welt der Religion, in der
Welt der Ethik, in der
Welt der Medizin, in der
Welt der Biologie, in der
Welt der Chemie, in der
Welt der Physik, in der
Welt der Astronomie, in der
Welt der Geographie, in der
Welt der Geschichte, in der
Welt der Soziologie, in der
Welt der Psychologie, in der
Welt der Anthropologie, in der
Welt der Linguistik, in der
Welt der Musik, in der
Welt der Malerei, in der
Welt der Skulptur, in der
Welt der Architektur, in der
Welt der Gartenbau, in der
Welt der Landwirtschaft, in der
Welt der Industrie, in der
Welt der Handel, in der
Welt der Dienstleistungen, in der
Welt der Transport, in der
Welt der Energie, in der
Welt der Umwelt, in der
Welt der Gesundheit, in der
Welt der Bildung, in der
Welt der Freizeit, in der
Welt der Sport, in der

qu

HISTÓRIAS

Vereador de poucas letras, jornal de muitas trêtas

Terminada a segunda guerra mundial, o país voltava a respirar um clima de democracia. Cai a ditadura Vargas, em 1945. São realizadas eleições e vence o Marechal Eurico Gaspar Dutra. Nesta esteira, os gráficos elegem o seu segundo (o primeiro foi Xavier da Costa) representante na Câmara Municipal, o bravo Luiz Bastos. Ele foi eleito em 1946, sendo lançado pela Ala Gráfica do Partido Trabalhista Brasileiro, PTB, partido de matizes nacionalistas, criado por Getúlio. Bastos havia comandado uma greve no Correio do Povo, que vinha paralisando 60% das atividades gráficas do jornal. Descoberto como mentor e organizador da greve, foi demitido por Alcides Gonçalves, que por sua vez se elegeu também vereador no mesmo período, este pelo Partido Libertador. Mas não foi no famoso “pelego” que Bastos concentrou suas críticas, mas no interventor da Prefeitura da época, Gabriel Pedro Moacir. Da tribuna o incansável Bastos abriu suas baterias para combater aquele que se acusava de ser um corrupto interventor. A imprensa, já naquela época cultivava o hábito de não abrir espaço para políticos identificados com as causas populares. Quando queria se referir ao combativo Bastos, um jornal da cidade costumava referir “o vereador de poucas letras”, o que valeu um memorável artigo de Bastos em “O Gráfico”, jornal do Sindicato em que era assíduo colaborador, intitulado “Vereador de Poucas Letras, Jornal de Muitas Trêtas”. Bastos formou-se em Direito e fez carreira no serviço público como Delegado de Polícia, cargo que exerceu “sem maltratar ninguém”, conforme ele faz questão de afirmar. Muito menos as letras.



Trabalhadores da Livraria do Globo/Álbum 50 anos/1883-1933

Acervo Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa

Sem peleguismo

São Paulo, meados dos anos 40. Gráficos em greve. A mando dos Diários Associados foram para São Paulo com o objetivo de furar a greve dos gráficos paulistas, dois trabalhadores gráficos gaúchos: Carlos Rezende e Romeu Guterrez. Chegando em São Paulo, os trabalhadores acabaram por aderir ao movimento. Esta atitude mereceu, por parte do Sindicato Paulista, o envio de correspondência com elogios ao procedimento dos dois trabalhadores gaúchos. É o famoso tiro que saiu pela culatra.

Rainha por uma noite

Em 1952, por inspiração e idéia do associado Álvaro Santos, foi realizado o Concurso para escolha da Rainha dos Gráficos. O concurso mobilizou a categoria, culminando com a escolha da Srta. Odete Ribeiro, funcionária do Diário de Notícias, que foi coroada em grande festa realizada no Grêmio Gaúcho. No entanto, o Boletim Gráfico, nos comentários sobre o evento, informa que a rainha recebeu a coroa das mãos da Srta. Marina Pinto, rainha dos gráficos de 1948. Portanto, apesar do grande alarde em torno do concurso, e principalmente em torno de Odete Ribeiro, que talvez pela sua beleza, mereceu continuados destaque no Boletim Gráfico, a mesma não foi a 1a. rainha, e sim Marina Pinto.



Encadernadores da Livraria do Globo/Álbum 50 anos/1883-1933

Avança a classe operária

Na edição de nº. 49, de 20 de agosto de 1956, O Gráfico mancheteia: “6 de julho, data histórica dos trabalhadores.” Tratava-se do registro do 1º. Congresso Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas, realizado naquele ano no Rio de Janeiro. Assis Brasil de Albuquerque era o secretário do Sindicato e participou do encontro representando as Delegações dos estados do Sul do país. Era o primeiro passo para a unificação das lutas dos gráficos nacionais que tinham como principais bandeiras a redução de horas de trabalho nas indústrias gráficas, a conquista de um salário profissional, seguro contra acidentes de trabalho e a construção de casas pelo então IAPI, entre muitas outras reivindicações. Walter Nunes nesta mesma edição é eloquente: “Foi a maior manifestação sindical que até hoje se tem notícia em nosso Estado; foi a maior prova da maturidade que alcançou a classe operária.”

Os milicos vêm aí...

Ainda o polêmico Wilson Lima. Numa nota de 1955 intitulada “A Carreta adiante dos Bois” ele já antevê o golpe militar que se consolidaria em 1964, depois da tentativa frustrada de 1961. Ele inicia lembrando que a República Brasileira é constituída de três poderes e que nenhum deles pode interferir no outro, de acordo com a Constituição. Escreve ele: “...Entretanto, de uns dois anos para cá, um grupo formado, principalmente pelos generais Cordeiro de Farias, Canrobert Pereira da Costa, Teixeira Lott, Brigadeiro Eduardo Gomes, o Ministro da Marinha, além de outros civis principalmente da UDN e PSD dissidente, arvoraram a si, o direito de, atrás das baionetas com coações de toda ordem, sobreporem-se a tudo e a todos. Assim, eles que deveriam cuidar de seus quartéis, que deveriam cuidar da formação militar de seus comandados, metem-se em assuntos que não lhes dizem respeito e que, até mesmo são proibidos de fazer-los...” Mais adiante: “O tal grupo depôs e assassinou o Presidente anterior, dominam e fazem o que bem entendem com o Governo atual; e agora pregam abertamente o golpe e a derrubada do regime pela força, caso não concordem com os resultados das eleições...mas se vier o golpe, haverá um contra-golpe e acabará com o farol destes maus brasileiros, que só sabem argumentar com Tanques, Aviões e Cruzadores... Nós os fuzilaremos...nas urnas, isto é, democraticamente. Eles que escolham como querem ser derrotados: PELO VOTO ou A FERRO.”

Olha os nossos direitos aí!

A conscientização sobre os direitos dos trabalhadores eram permanente em O Gráfico. Por isto naquele distante 1955 ele alertava:

Convém saber...

- Que o aprendiz , não sujeito à formação profissional, de acordo com o artigo 2º. do Decreto nº. 1.564, de 6 de outubro de 1952, deve perceber o salário-mínimo do empregado adulto.
- Que, apresentada ao empregador a Carteira Profissional pelo empregado admitido, terá ele o prazo de 48 horas para anotar na mesma a data da admissão, a natureza dos serviços, o número do registro legal dos empregados e a remuneração, sob as penas cominadas nesta lei (artigo 29) da Consolidação das Leis do Trabalho”
- Que o empregador que receber a carteira para anotar e a reter por mais de 48 horas, ficará sujeito à multa de duzentos a mil cruzeiros (ARTIGO 53 DA CLT)
- Que o trabalho em domingo, seja total ou parcial, na forma do art. 67 da CLT será sempre subordinado à permissão prévia da autoridade competente em matéria de trabalho (art. 68.)

Distante 1955?

Reforma agrária? Até hoje...

Oliric era um dos mais freqüentes colaboradores de O Gráfico. Mantinha uma combativa coluna chamada “Comentando”. Arguto, escreveu em uma delas, em junho de 1955, que cada vez que se aproximavam os períodos eleitorais, políticos demagogos tomavam, inapropriadamente, a bandeira da reforma agrária. Escreve ele: “No entanto, logo que são vitoriosos esses indivíduos corruptos, esquecem essa reivindicação sentida e vital do povo brasileiro. E quais as razões: - Porque sabem que, com a reforma agrária desaparecerão os parasitas e grandes proprietários de terra e esta será entregue aos camponeses, isto é, a reforma agrária só será possível e justa se for eleita por êste meio da entrega da terra aos camponeses e sob a forma de propriedade privada ao domínio daqueles que realmente a trabalham e nela produzem.” Um texto extremamente lúcido. E mais atual do que nunca.

O “doutô” teve a preferência...

Nas eleições de outubro de 1955, os gráficos tentaram mais uma vez eleger um representante para a Câmara de Vereadores, como já havia acontecido com Luiz Bastos. A propaganda estampada em “O Gráfico” conclama aos companheiros gráficos a eleger “para a Câmara de Vereadores um legítimo defensor de teus interesses, sufragando o nome de Gabriel Quintana” Escreve, depois das eleições, Severino Neuberger: “infelizmente não conseguimos eleger o nosso companheiro e leal presidente Gabriel Quintana” louvando, contudo, o voto da consciência operária. Já o incansável Wilson Lima nos seus famosos “Tópicos”, coluna que mantinha em “O Gráfico”, protesta: “a julgar pela inexpressiva votação que alcançou o Candidato dos Gráficos à Vereança Municipal, chega-se a esta triste conclusão: os gráficos não precisam de vereador...esse fato, reflete como ainda estão atrasados politicamente os Gráficos da Capital (notem bem, de uma das mais importantes capitais)”. E mais adiante, registra: “...aliás, fato idêntico aconteceu com os outros Candidatos Operários. Deram preferência aos DOUTORES”.

Os inevitáveis chefetes

“Tiranete Chatobrianesco”

Em memorável artigo em O Gráfico, número 56 (março, 1958), Claro Machado expõe ao ridículo um certo Nelson Dimas “cidadão que, segundo dizem, transporta ainda na caixa craneana uma mentalidade sertaneja haurida no âmago da mata nordestina, onde o direito, a lei - a civilização - ainda não chegaram”, segundo escreveu o mordaz articulista. No “Diário de Notícias”, jornal do todo poderoso Assis Chateaubriand, os



*Trabalhadores da tipografia da Livraria do Globo/Álbum 50 anos/1883-1933 Acervo
Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa*

gráficos travavam, nesse período, uma dura luta salarial. Operários e direção fazem diversas propostas. Porém, não há acordo. “Não porque os gráficos do Diário tenham apresentado reivindicações absurdas, mas porque a empresa, em resposta, propôs e quer impôr uma solução velhaca, ilegal e desonesta; uma solução bem na marca Chateaubriand”, denuncia Claro. Aí, começa um processo de intimidação, onde entra a figura do terrível chefe. Escreve ainda mais Claro Machado: “Incivil, “valente” e intransigente, mesmo diante da lei, esse tiranete Chatobrianesco certa vez tratou grosseiramente um presidente do Sindicato Gráfico, tentou impressioná-lo levando a mão à cintura (não achou a garrucha) e intimou-o a dar o fora. Agora esse pistoleiro falhuto anda ameaçando de dispensa seus operários que não aceitem a tal solução velhaca, ilegal e desonesta.” O movimento, contudo, continuou. Porque, como escreveu Claro Machado, aquele não seria o primeiro nem o último “gerente de maus bofes” que se atravessaria na frente das lutas sindicais.

A fobia ronda as oficinas do Globo

Ao apagar das luzes de 1954, entra em cena Helio Palmeiro para “amargar a vida” dos operários gráficos da Livraria do Globo, na época, no Menino Deus. Está registrado em O Gráfico, na edição de janeiro de 1955: “Fareja e sai nas pegadas do trabalhador que tem necessidade de ir ao W.C. para controlar o tempo de demora...em uma de suas investidas penetrou abrupta e maliciosamente no vestiário feminino...essa ínfima criatura cria com todo esse mal entendido de administração uma tensão nervosa no seio da coletividade gráficas...A sua atitude já é um desrespeito aos velhos mourejadores da casa e um prevailecimento de autoridade demonstrando incapacidade tácita para administrar, pois, os tempos já vão longe do período escravagista”.

Carbonel - um Capitão de Mato

Também nas oficinas da Livraria do Globo havia outro chefe (ou tiranete?) famoso pelas suas práticas de coerção e intimidação dos trabalhadores gráficos. Tratava-se do Sr. Carbonel, cuja principal ocupação era a perseguição e a demissão de funcionários. Primeiro de “chicote em punho”, depois adotando uma prática de Capitão de Mato, aliciando e tentando comprar, através de empréstimos, trabalhadores grevistas, como aconteceu na Greve de 53. Segundo Assis Albuquerque, tratava-se de um “capacho da classe patronal, que perseguiu e despedia os trabalhadores” Já Walter Nunes, também dirigente do Sindicato, recomendava, em um artigo intitulado “Para o Sr. Carbonel Ler na Cama” que o ilustre chefe desse

“uma passada de olhos” no Manual do Empregador, cuja autoria seria do próprio Carbonel. A seguir o articulista relaciona uma série de infrações que a Livraria do Globo estava cometendo, principalmente em relação ao trabalho de menores de idade. E encerra com uma recomendação: “o melhor que tem a fazer, senhor Carbonel, é abandonar o Departamento do Pessoal e voltar a ser o revisor tipográfico de outros tempos, e nós ficaremos livres de sua nefasta administração que até hoje só nos tem trazido sobressaltados e revoltados diante de tantas injustiças que são cometidas diariamente pelo seu Departamento na sua pessoa infelizmente representado”.

Local de trabalho ou cárcere?

Não é de hoje que as condições de trabalho não são respeitadas. A capa do jornal O Gráfico de maio de 1957 traz uma singular matéria denunciando a situação em que os trabalhadores da gráfica A Hora. Lá a direção da empresa colocou para vigiar os funcionários nada menos, nada mais do que um guarda civil. O motivo: um suposto roubo que nunca ficou esclarecido. Diante do protesto, os diretores recuaram, mas mantiveram o tal guarda no portão geral. O jornal registrou a sua indignação contra aquilo que considerou um “axincalhe humilhante” contra quem lá trabalhava.

Procedimento vergonhoso da tipografia Kanen

Outro mau patrão se alojava na Gráfica Kanen. Nos períodos de retração do mercado, mandava seus funcionários para casa, descontando de seus salários os dias de afastamento, como se fosse falta ao trabalho. Exigia dos encarregados da encadernação a limpeza dos sanitários. Os que se negavam eram obrigados a ouvir todos os “meios de pirraças as suas impertinências.” Como represália ao movimento grevista de 1953, mandou destruir o galpão onde os funcionários faziam suas refeições e, conforme o seu (mau) humor, permitia ou não que seus funcionários fizessem refeições dentro da gráfica. Não raro, eram obrigados a comer na rua. Várias vezes se apropriou indebitamente do imposto sindical, entre outras irregularidades. Registrou o Boletim Gráfico: “É a única empresa que apesar de não ser grande, tem dado mais trabalho para o Sindicato com todas as suas irregularidades.”

Aos chefetes

Num curto artigo, Gabriel Quintana manda seu recado aos intragáveis chefetes, resumindo brilhantemente o papel deles: “Não tem outra força, ao serem investidos no cargo, a não ser aquela que exigirem do trabalhador produção; suspendê-los e quando bem preparada a piguinha, de maneira, que não acarrete para a Empresa, despesas de indenização, pô-los na rua. Muitos alcançam a posição de chefe, após terem chereado durante anos a fio, sem terem mesmo as qualidades necessárias para o desempenho no cargo.”

Polêmica: Wilson Lima X Eloy dos Angeles

Um pequeno artigo de Eloy de Los Angeles em O Gráfico, sobre o papel da imprensa sindical, abriu uma polêmica travada pelo jornal, com o inquieto Wilson Lima. No artigo Eloy sustenta que a imprensa sindical deve ser imparcial, não tomando parte de nenhum grupo partidário, étnico ou religioso. Ao que Wilson Lima rebate dizendo, em outras palavras, que não existe isenção quando estão em jogos os interesses da classe trabalhadora. Escreve ele: «Para dizer a verdade, apenas nas entrelinhas e com meias palavras, temos a Imprensa Burguesa. Para dizer a verdade nas linhas com palavras inteiras e de significação exata temos a Imprensa Sindical. Eis aí, qual deve ser a nossa linha na Imprensa Sindical.» É claro que na edição seguinte do jornal, abril de 1955, Eloy veio com mais um artigo. «Parece que à certa porção de leitores nosso artiguinho não agradou...pretendeu-se derrubar nossos argumentos. Foi, porém, o que não se fez», escreveu ele. A seguir ele faz uma nova defesa da sua tese, onde reafirma o conceito de pluralidade, onde «jamais (a imprensa sindical) deverá arrogar-se o direito de analisar questões político-partidárias, raciais, religiosas, etc». Segue



Trabalhadores da litografia da Livraria do Globo/Álbum 50 anos/1883-1933

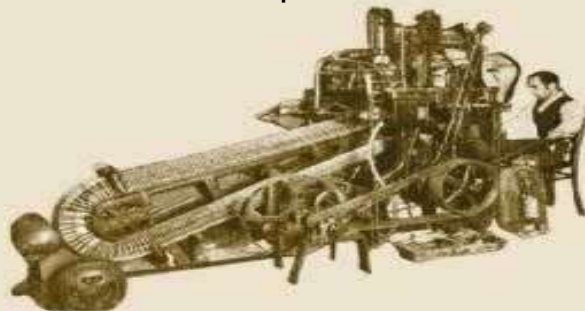
defendendo o direito de discordar. E reafirma: «Com a verdade, a sinceridade, a imparcialidade teremos a Imprensa verdadeira, real, insubstituível.». Na edição de junho de 1955, o “topetudo” Wilson Lima (como o definiu Claro Machado), põe fim ao embate, declarando não gostar de polêmicas. Manda um recado a Eloy nos seus famosos “Tópicos” esclarecendo que não pretendeu derrubar os seus argumentos, que também defendia o direito de discordar, porém, reafirma o seu conceito de defesa dos interesses dos trabalhadores: “...os interesses dos inimigos dos Trabalhadores são defendidos, aliás muito bem defendidos por um exército de Advogados, Jornalistas, Parlamentares, Governos, Pelegos, etc”.

A Greve dos Gráficos de Londres

Durante 27 dias Londres ficou sem jornal, em uma histórica greve dos gráficos londrinos, liderada por linotipistas, mecânicos e eletricitistas, em meados de 1955. Até então era a maior e mais longa greve da categoria em toda a Inglaterra. O movimento foi acompanhado daqui com grande expectativa da vitória final.

Chope e bolinho de batata para todo mundo....

Na famosa Greve de 53 muitos artifícios foram criados para manter os grevistas que não recebiam seus salários. Walter Nunes encontrou uma saída: foi trabalhar na estiva. No primeiro dia, descarregou um navio de sal, trabalhando durante toda a noite. No segundo, em um de trigo. Walter lembra que na época ganhava algo em torno de 3 mil cruzeiros. Qual não foi o seu espanto quando foi receber o pagamento pelos dois dias de trabalho na estiva: 9 mil cruzeiros. Ou seja, o equivalente a três meses do salário que recebia como gráfico. Walter reuniu os amigos e o destino foi um só: o antigo Bar Tuim, onde distribuiu dinheiro para todos e pagou algumas rodadas de chope com bolinho de batata.





1929

Presidente: Álvaro Alves Silveira

Vice-Presidente: Joaquim Pinto

1º Secretário: Dario Petrônio Silvestre de Freitas

2º Secretário: Antônio Azevedo

1º Tesoureiro: Victor Fernandes de Moraes

2º Tesoureiro: João Batista Carminati

Bibliotecário-Arquivista: Sylvio Pereira

Comissão de Contas: Oswaldo Mello, Luiz
Rosenheim e Carlos Prieto

1930-1931

Presidente: Arlindo Correa

Vice-Presidente: Pedro Coelho

1º. Secretário: Joaquim Pinto

2º. Secretário: Ernesto Biffnanti

1º. Tesoureiro: Álvaro Silveira

2º. Tesoureiro: William Costa

Bibliotecário-Arquivista: Severiano Correa da Silva

1932-1933

Presidente: Dario Petrônio Silvestre Defreitas

1º. Secretário: Raul Roth

1º. Tesoureiro: Cezário Victória

Auxiliares: Orlando Martins e Manoel Del Pino

1931-1932

Presidente: Sylvio Silveira

Vice-Presidente: Cincinato de Souza

1º. Secretário: Orlando Martins

2º. Secretário: Raul Roth

1º. Tesoureiro: Procópio de Souza Lima

2º. Tesoureiro: Ramiro Casa Nova

Orador: Luiz Ferreira

Bibliotecário: Victor Moraes

Comissão de Contas: Júlio Valentim, Pedro Benso e

Claro Conceição Machado

1933-1934

Presidente: Gervásio Silva

Vice-Presidente: Cincinato Souza

1º. Secretário: Dário Petrônio Silvestre Defreitas

2º. Secretário: Waldomiro Soares

1º. Tesoureiro: Cezário Victória

2º. Tesoureiro: Victor Moraes

Arquivista: Juvêncio Silva



1934-1935

Presidente: Armando Martins

Vice-Presidente: Gervásio Silva

1º. Secretário: Heitor G. Dias

2º. Secretário: Marciano Belchior
Filho

1º. Tesoureiro: Gastão Brandão

2º. Tesoureiro: Arthur Bonchat

Bibliotecário-Arquivista: Cezário
Victória

1938

Presidente: Braz dos Santos
Madeira

Vice-Presidente: Dirceu Alves

1º. Secretário: Luiz Rosenhaim

2º. Secretário: Francisco Leal

1º. Tesoureiro: Cincinato Souza

2º. Tesoureiro: Germano Prestes

Bibliotecário-Arquivista: Raul Roth

Comissão de Contas: Gervásio
Silva, Arthur Bonchat e Mário
Fortes

1935-1936

Presidente: Môare Martins

Vice-Presidente: Valdemar Siqueira

1º. Secretário: Cleto Seffrin

2º. Secretário: Paulo Pauvelsky

1º. Tesoureiro: Adalgiso Veiga Py

2º. Tesoureiro: Maurílio Lisboa

Bibliotecário-Arquivista: Joaquim Pinto

Comissão de Contas: Pedro Monteiro Cabral,
Benedito de Freitas e Armando Martins.

1939-1940

Presidente: Francisco Assis Leal

Vice-Presidente: Braz dos Santos Madeira

1º. Secretário: Dirceu Ricardo Alves

2º. Secretário: Luis Rosenhaim

1º. Tesoureiro: Raul Roth

2º. Tesoureiro: Germano Ribeiro Prestes

Bibliotecário: Mário Pereira Fortes

Conselho Fiscal: Deoclésio Gonçalves Péricles,
Manoel Castilhos e Arthur Bonchat.

1940-1942

Presidente: Raul Roth

Vice-Presidente: Antonio Vieira de Azevedo

1º. Secretário: Adroaldo Otto da Silva

2º. Secretário: Mário Pereira Fortes

1º. Tesoureiro: Braz dos Santos Madeira

2º. Tesoureiro: Arnaldo Maarhs

Bibliotecário: Francisco de Assis Leal

1947-1950 / INTERVENÇÃO

Presidente: Osmar Legg

1950-1952

Presidente: Miguel Rodrigues

1º. Secretário: Antonio Vieira de Azevedo

1º. Tesoureiro: Mário Mendes

Conselho Fiscal: Sílvio Tobias da Silva, Abílio Freitas Santos e Syrio Pires de Freitas.

1942-1944

Presidente: Paulo Brum (Aory Pacheco da Silva)

1º. Secretário: Aory Pacheco da Silva (Armando Grau)

2º. Secretário:

1º. Tesoureiro: Armando Grau (Pedro Zanardo Cabral)

1944-1947

Presidente: Osmar Passos

1º. Secretário: Mário Rodrigues Dias

1º. Tesoureiro: Vendelino Ernesto Kumbartzki



1952-1954

Presidente: Gabriel Marcelo Quintana

1º. Secretário: Carlos Lourenço de Azevedo

1º. Tesoureiro: Álvaro dos Santos

Suplentes da Diretoria: Eloy Dias dos Angeles,
Sílvio Tobias da Silva e Nelson Ketzer.

Conselho Fiscal: Cincinato de Souza Caño, Walter
Ferreira Alves e Osvaldo dos Santos

1957-1959

Presidente: Wilson Borba Lima

Secretário: Assis Brasil Machado Albuquerque

1º. Tesoureiro: Wilson Teixeira de Castro

Suplentes: Ari Martins da Silva, Rubem Veronez e Carlos Rezende

Conselho Fiscal: Heraldo Silveira, João Pires da Silva e Mário R.
Alano

1954-1956

Presidente: Gabriel Marcelo Quintana

Vice-Presidente: Assis Brasil Machado Albuquerque

1º. Tesoureiro: Wilson Teixeira de Castro

Suplentes: Antonio Roncatto, Rubem Veronez e Wilma
Maschke

1960-1962

Presidente: Wilson Borba Lima

1º. Secretário: Assis Brasil Machado Albuquerque

2º. Secretário: Rubem Veronez

1º. Tesoureiro: Wilson Teixeira de Castro

Suplentes: Nilton S. Farias, Dante Zarzana, Aristides Alves Ouriques
Júnior, Paulo de Almeida Fernandes e Antonio Valentim Garcia.

Conselho Fiscal: Savério Stefazzyk, Miguel Lopes Côrtes e João Pires
da Silva.

1962-1964

Presidente: Wilson Borba Lima

1º. Secretário: Assis Brasil Machado Albuquerque

2º. Secretário: Ivaldo Roque

1º. Tesoureiro: Wilson Teixeira de Castro

2º. Tesoureiro: Miguel Lopes Cortes

Conselho Fiscal: Savério Stefazzyk, João Pires da Silva e Darcy Apellaniz

1967-1969

Presidente: Hélio Pereira Ribas

1º. Secretário: Euclydes Bento da Cruz

2º. Secretário: Ivo Richiniti Rieger

1º. Tesoureiro: Constante Gonçalves de Lima

2º. Tesoureiro: Waldemar Idalgo

Conselho Fiscal: Alcides Aurélio de Souza, Gastão de Carvalho Coelho e Mário Ignácio Mineiro Filho.

1965-1967

Presidente: Hélio Pereira Ribas

1º. Secretário: Euclydes Bento da Cruz

2º. Secretário: Ivo Richiniti Rieger

1º. Tesoureiro: Constante Gonçalves de Lima

2º. Tesoureiro: Waldemar Idalgo

Conselho Fiscal: Gastão de Carvalho Coelho, Renato Fumagali Baldassari e Alcides Aurélio de Souza

1969-1972

Presidente: Hélio Pereira Ribas

1º. Secretário: Euclydes Bento da Cruz

2º. Secretário: Luiz Paschoal Barbosa

1º. Tesoureiro: Constante Gonçalves de Lima

2º. Tesoureiro: Wilson Guedes

Conselho Fiscal: Arno de Souza Lopes, Walter Ferreira Alves e Mário Ignácio Mineiro Filho



1973-1975

Presidente: Euclydes Bento da Cruz

1º. Secretário: Holmes Brasil Gonçalves de Castro

2º. Secretário: Antonio Alves Machado

1º. Tesoureiro: Renato Fumagali Baldassari

2º. Tesoureiro: Paulo de Almeida Fernandes

Conselho Fiscal: Paulino Vasco Micco, Donato Morrudo e Salustiano Pedroso Moreira

1979-1981

Presidente: Euclydes Bento da Cruz

1º. Secretário: Antonio Alves Machado

2º. Secretário: Ariovaldo Alves Paz

1º. Tesoureiro: Renato Fumagali Baldassari

2º. Tesoureiro: Antonio Adair Ferreira da Silva

Conselho Fiscal: Donato Morrudo, Neifer Pereira Ferreira e Geraldino Pereira

1976-1978

Presidente: Euclydes Bento da Cruz

1º. Secretário: Antonio Alves Machado

2º. Secretário: Alvino Marques Machado

1º. Tesoureiro: Renato Fumagali Baldassari

2º. Tesoureiro: Ariovaldo Alves Paz

Conselho Fiscal: Donato Morrudo, Neifer Pereira Ferreira e Geraldino Pereira

1982-1984

Presidente: Euclydes Bento da Cruz

1º. Secretário: Ademar Antonio Mariano

2º. Secretário: Amaro Edu Ubatuba Vaz

1º. Tesoureiro: Antonio Adair Ferreira da Silva

2º. Tesoureiro: José Luiz da Silva Chaves

Conselho Fiscal: Rubião de S. Ribeiro, Donato Morrudo e Rui Pedro C. Burigo

1985-1987

Presidente: Euclydes Bento da Cruz

1º. Secretário: Neifer Pereira Ferreira

2º. Secretário: Paulo Roberto dos Santos

1º. Tesoureiro: Antonio Adair Ferreira da Silva

2º. Tesoureiro: Antonio Rodrigues Mafalda
Sobrinho

Conselho Fiscal: José Luiz da Silva Chaves,
Osvaldo Boff e Rui Pedro Correia Burigo

1991-1994

Presidente: Marco Aurélio Gomes Ribas

Vice-Presidente: Mário Antonio dos Santos

Secretário-Geral: Eli Rodrigues da Silva (José
Antônio Guimarães de Fraga)

1º. Tesoureiro: Luiz Carlos Noal

2º. Tesoureiro: Adão Boeira Fernandes

Diretor de Esportes: Marco Aurélio Santana
Vallejo

Diretor de Divulgação: João Carlos Lourenço
Moura (Solis Souza da Silva)

Conselho Fiscal: Ari Correia Santos, José
Carlos Gué e César Ribeiro Prates

1988-1990

Presidente: Antonio Adair Ferreira da Silva

1º. Secretário: Araújo Nunes Goulart

1º. Tesoureiro: Euclydes Bento da Cruz

Conselho Fiscal: Antonio Rodrigues
Mafalda Sobrinho, Rui Pedro Correia
Burigo e Maria Rosa Soares

1995-1998

Presidente: José Antônio Guimarães de Fraga

Vice-Presidente: Darci Juarez de Campos
Homem

Secretário-Geral: Francisco Lázaro Peixoto
da Silva

1º. Tesoureiro: Luiz Carlos Noal

2. Tesoureiro: Solis Souza da Silva

Diretor de Esportes: Marco Aurélio Santana
Vallejo

Diretor de Divulgação: Mário Antonio dos
Santos

Conselho Fiscal: Cláudio Antonio Ferreira,
Carlos Antonio Araújo e José Batista de
Oliveira



1999-2002

Presidente: José Antônio Guimarães de Fraga

Vice-Presidente: Francisco Lázaro Peixoto da Silva

Secretário-Geral: Marisa Martins

1º. Tesoureiro: Solis Souza da Silva

2º. Tesoureiro: Darci Juarez de Campos Homem

Diretor de Esportes: André Luiz Amaral Nabarro

Diretor de Divulgação: Marco Aurélio Santana Vallejo

Conselho Fiscal: José Batista de Oliveira, Jorge Antonio Carvalho Pavão e Cláudio Antonio Ferreira.

2003-2006

Presidente: Francisco Lázaro Peixoto da Silva

Vice-Presidente: Solis Souza da Silva

Secretário-Geral: Marisa Martins

1º. Tesoureiro: José Antônio Guimarães de Fraga

2º. Tesoureiro: Júlia Inês de Souza Fortes

Diretor de Esportes: André Luiz Amaral Nabarro

Diretor de Divulgação: Marco Aurélio Santana Vallejo

Conselho Fiscal: Jorge Antonio Carvalho Pavão, Bauro Bittencourt e Odilon Manzoni Lemes.

Sindicato dos gráficos de Porto Alegre

73 anos de lutas



LIVRARIA - ENCADERNARIA
TIPOGRAFIA - COM MEDALHA DE OURO NA
EXPOSIÇÃO DE 1904 - MEDALHA DE
PRIMEIRA CLASSE EM 1908

REGISTRO DE SOCIEDADE
SINDICATO DE EMPREGADOS

*Sindicato dos Trabalhadores nas
Indústrias Gráficas de Porto Alegre*

PORTO ALEGRE - RS - 91.200-000
RUA DOS ANDARAÉS, 115 - 91200-000

FILIAIS - PELOTAS
SANTA MARIA - RIO DE JANEIRO

Emílio Chagas
Edilson Nabarro